

A man with a shaved head, wearing a black cape over a light-colored shirt, stands in front of a large, light-colored stone monument. The monument has a blue-painted top section with a white inscription. The background shows a clear blue sky, green trees, and a red building in the distance. The overall image has a painterly, textured appearance.

NESTE LOCAL
INSTALARAM-
SE OS PRIMEI-
ROS COLONOS
MADEIRENSES
EM 1883

REINO DE MACONGE

**DIÁRIO DE UMA
PEREGRINAÇÃO A ANGOLA**

IMPRIMATUR

MMXX

D. Roberto da Silva

III Vice-Rei de Maconge

Mandando executar por sua Majestade o Vice-Rei, em terras do Ultramar Europeu sob a supervisão da COPC – Comissão Organizadora do Programa das Comemorações do centenário.

Direcção de Edição

COPC – Fernando Mendes Morgado (Presidente), João Costa e Silva e Jorge de Abreu Arrimar
(Por indicação expressa do Vice-Rei de Maconge, dada em 09 de Dezembro de 2018)

Revisão

Henrique (Higino) Vieira

Capa

Elaborado a Partir de Fotografia de Fátima Silva

As imagens usadas na edição desta obra, fazem parte do acervo do site oficial de Maconge.

ISBN

978-989-655-422-4

Depósito Legal

47117120

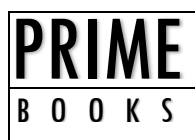
Edição:

Reino de Maconge (2000)

© Todos os direitos reservados

Reino de Maconge

Lisboa/Lubango, 2020





Índice

Uma Viagem Onírica.....	9
Reflexão	12
Visita de Sua Majestade o Vice-Rei.....	14
Dia 26 de Fevereiro de 2020	19
Dia 27 de Fevereiro de 2020	21
Dia 27 de Fevereiro de 2020	23
Dia 28 de Fevereiro de 2020	25
Dia 28 de Fevereiro de 2020	28
Dia 29 de Fevereiro de 2020	30
Dia 29 Fevereiro de 2020	33
Dia 29 de Fevereiro de 2020	35
Dia 29 de Fevereiro de 2020	37
Dia 1 de Março de 2020	42
Dia 1 de Março de 2020	45
Dia 2 de Março de 2020	48
Dia 2 de Março de 2020	50
Dia 2 de Março de 2020	53
Dia 3 de Março de 2020	55
Dia 3 de Março de 2020	58
Dia 3 de Março de 2020	60
Dia 7 de Março de 2020	65

Dia 7 de Março de 2020	67
Dia 8 de Março de 2020	69
Dia 8 de Março de 2020	71
Dia 9 de Março de 2020	72
O DIA DA CIDADE DE SÁ DA BANDEIRA	75
Discurso proferido por D. César da Silveira.....	76

Uma Viagem Onírica

Ou

Como eu Sonhei no Berço do Reino

A COPC foi criado por Decreto Régio (vulgo e-mail) de 09 /Dez/2018, como um comité, ou comissão encarregada de pôr em prática o programa das comemorações dos oitenta anos de História de Maconge e do centenário da sua Proto-História (1919-1939 – 2019), cujos eventos teriam lugar ao longo do ano de 2019. E assim aconteceu, tendo sido momentos altos a publicação do livro comemorativo e a cerimónia do seu lançamento, que teve lugar na Ceia de Alte, de 25 de Janeiro 2020.

Apesar deste livro ser editado só agora, ou seja, no ano seguinte ao das comemorações, o mesmo não deixa de se inscrever no âmbito mais alargado das mesmas. Só motivos de força maior condicionaram a sua realização, catapultando-o para o início do ano corrente; e por pouco, não ficou adiado para data inserta, pois o rei dos vírus, o já famoso Vírus Coroado, invejoso da viagem que o nosso Vice-Rei preparava, começou a ser cada vez mais virulento, levando as pessoas a confinar-se em suas residências, que é como quem diz, a quase afinar-se de quarentena. Felizmente D. Roberto da Silveira herdou o sangue-frio e a coragem dos Silveiras de Maconge e, de máscara postada e de luvas empunhadas, enfrentou o Rei dos Vírus, deu-lhe umas bengaladas no cocuruto verruguento e, ela que se faz tarde... foi até ao Berço do Reino, onde o esperavam, com ansiedade, os maconginos de Angola.

Este livro, como facilmente se percebe, é diferente do anterior, pois tem um objectivo muito específico, assinalar apenas um momento importante na magnífica gesta macongina, o regresso do Vice-Rei de Maconge ao Berço do Reino. Tratou-se de uma viagem cheia de significado e de emoção, já que D. Roberto há muito tempo não punha os pés, descalços ou alpercatados, no chão ubérrimo da Huíla, e

porque era muito importante que, no ano das comemorações do Centenário, regressasse àquele lugar onde tudo começou, como antes o tinham feito só Vice-Reis de Maconge. Tocar o sagrado chão do Vale do Lubango para, no lugar fundador dos Barracões, junto ao túmulo do tutelar Mendonça das forças receber a Confirmação em cerimónia solene, era fundamental para que o actual Vice-Rei estivesse completo e, por inteiro ocupasse o panteão dos símbolos de Maconge.

Como sempre foi a tradição reza, so Senhores do Reino – do Rei único, D. César da Silveira, ao I Vice-Rei, D. Mário Saraiva de Oliveira e ao II Vice-Rei, D. Olavo Godinho – são confirmados pelos Manes e pela Grei com a Cerimónia da confirmação, durante a qual, pedem a protecção dos seus maiores, são ungidos com os santos óleos de mupeke, aclamados com o som do berrante de chifre de holongo, homenageados com os gritos da praxe e, só então aceites sem rebuço por todo o Reino que na Huíla começou, ao Ultramar se expandiu e por outras plagas e terrunhos se estendeu.

Também desta vez o Vice-Rei de Maconge, após se ter entregue à Cerimónia da Confirmação, quis seguir os passos dos anteriores Vice-Reis e ouvir a pitonisa da Umbía, para que assim ela o orientasse pelos caminhos misteriosos do fogo sagrado, o que arde permanentemente na grande pirada Serra da Chela e que é mantido pela levada de água ardente que vem dos antigos engenhos que só a memória retém. D. Roberto precisava de tornar o fogo mais forte, a chama mais ardente na tocha sobrevivente das antigas manifestações de estudantes da Huíla que seu Pai levava para o Ultramar e que e os Vice-Reis, todos eles, herdaram e resguardam nas arcadas do peito. Pois, foi esse fogo sagrado que manteve aquecido. D. Roberto da Silveira, quando, com “roupa menos própria” (como ele próprio confessa) se dispôs a enfrentar a invernia dessa manhã lisboeta de 26 de Fevereiro de 2020 e rumar ao avião da TAAG que o levaria, são e salvo, até Luanda.

O resto da história, quem o guardava no aeroporto e quem o acompanhou depois, quem foi o contador de histórias e anedotas que o elegrou, quem lhe proporcionou bem-estar e o que aconteceu nas

horas e dias em que estive por lá, não vale a pena falar agora. Bastará ao leitor ler o que se segue, ouvir o que se conta, beber do que se diz, sobretudo no texto escrito e vivido pelo próprio Vice-Rei, uma narrativa saborosa, emotiva por vezes doce como o mirangolo, cheirosa como a nocha e perturbadora como o tabaibo.

O livro é vosso. Desfrutem-no... pois é fresco e doce como a fruta; saboreiem-no... pois é inebriante como o vinho.

Ginga Malaia!

COPC

Reflexão

Num tempo e num contexto em que dispomos de todo o tempo do mundo para parar, pensar, meditar e recordar, esta reportagem do nosso Vice-Rei configura um autentico “reset” das nossas vidas através da execução perfeita, quer no tempo, quer no espaço, de um exercício de memórias capazes de provocar em nós autênticas explosões de saudade e de nostalgia!

Há uma lágrima sentida e teimosa que se liberta e escorre pela minha face, como singela homenagem, independentemente do seu caudal, à saudosa cascata da Huíla, que sempre me inspirou em propósitos, “ribeirinhos” que marcaram e continuam a marcar a minha existência! Aromas, ruídos ambiências que moldaram o meu caráter de homem de homem eternamente romântico e sonhador! Em vivências de tempestade, recheadas de dúvidas e carentes de certezas, até o sonho que comanda a vida, fica severamente comprometido!

Dai que, ao ler os relatos de Roberto da Silveira, juntamente com a lágrima derramada, uma pergunta por mim é formulada: - será que ainda terei tempo para voltar a pisar aquela terra amada?

Enxugada lágrima e controlada a emoção, acredito que fica bem manifestar ao nosso Vice-Rei a nossa gratidão, porque nesta saudável e revigorante deslocação ao Berço Africano, ele carregou aos ombros um pouco de todos nós, e também por todos nós, viveu emoções e fortes e gratas recordações!

Por hora, o nosso sonho é outro e porventura mas curto, em termos de distâncias. O sonho de breve, muito breve, podemos viver a oportunidade, de nos reunirmos e abraçarmos, secando a sede de toda esta saudade, através do vigorante e reconfortante sumo milagroso de Baco.

Até lá, quero envolver-vos a todos no meu abraço de sempre e para sempre, à dimensão da Terra grande, que a muitos de nós viu nascer, crescer e... SONHAR !!!

GINGA MALAIA !!!

Manuel Carreira Fernandes

Presidente da Academia / Visconde da Ribeirinha

Visita de Sua Majestade o Vice-Rei ao Lubango – Berço so Reino de Maconge

A notícia da confirmação da vinda ao Lubango, de sua Majestade D. Roberto da Silveira, Vice-Rei de Maconge, trouxe a cada um de nós, Maconginos residentes, um enorme entusiasmo, que nos motivou a preparar a recepção possível ao seu mas alto dignatário, que pela sua primeira vez regressava a esta terra que o viu nascer e de onde havia saído a mas de cinquenta anos.

Um grupo de Nobres e do clero e de alguns plebeus que fizeram questão de se fazer representados, reuniram, quantas vezes foram necessárias, para que nenhum pormenor fosse ignorado. Era preciso darmos o nosso melhor.

Preparámos um programa de estadia muito exigente, que possibilitasse, em tão pouco tempo que iria estar entre nos, visitar os pontos mais emblemáticos da cidade e arredores, os locais por onde andou e, obrigatoriamente, o velho LICEU DIOGO CÃO, que pudesse deslocar-se a Moçamedes, cidade onde viveram alguns dos seus familiares e que ele visitava com alguma regularidade. Mas, mais importante duque tudo oque havia para visitar, seria criar um ambiente que o fizesse sentir-se em casa, com vontade de tornar a voltar a esta terra que continua acolhedora, não obstante todos os condicionalismos que ainda vivemos.

O entusiasmo à volta da sua visita era grande, as inscrições para a Ceia justificavam a nossa ansiedade, todos queríamos transmitir-lhe a nossa alegria de o recebermos nos Reias Espaços de Maconge.

Finalmente, às 11 horas do dia 27 de Fevereiro, Sua majestade desembarcava no Aeroporto da Mukanka, acompanhado por D. Walter Abreu (Tchipátchi), Duque da Chibia. À espera dele, D. António Lemos, Duque da Mapunda e Duque-Mor de Angola, D. Fernando da Silveira, Duque da Huíla, A. Joaquim Silva, Conde da Lola, D. Valério Guerra, Conde de Chinquerer e Soba de Portimão, D. Fernando Peres, Vissonde dos Barracões, D. Carlos Evangelista Luís,

Cavaleiro do Reino e a nossa querida amiga Fatinha, esposa do Valério.

É desnecessário falar-vos do espírito de amizade, de camaradagem e de alegria que envolveu o primeiro encontro no aeroporto, pois este é o espírito que define Maconge e os Maconginos.

Depois deste encontro, partimos em direcção aos Reias Paços, na célebre Curva da Garrafa, no Parque de nossa Senhora do Monte, onde o acomodá-mos.

O que ia no espírito do Roberto, só ele podia dizer, como já disse, nas crónicas que teve o cuidado de fazer sobre a sua vista ao Lubango, mas transparência nele a felicidade de estar no Berço do Reino que, seu pai, D. Caio Júlio César da Silveira IV, REI DE MACONGE, havia fundado há mais de oitenta anos.

Foram muitos os momentos de camaradagem, almoços, jantares, visitas, longas conversas sobre a vida e sobre o Reino, mas o ponto mais alto da sua estadia nesta cidade do Lubango, seria naturalmente a CEIA NACIONAL.

Tudo estava organizado. O Duque da Huíla, Fernando da Silveira “FUNKA” e a sua incansável equipa conduzida pela Maga e pela Teresinha, tinham dado tudo o que era possível para que nada faltasse.

Era grande a minha ansiedade enquanto Duque-Mor de Angola. O salão estava cheio, o entusiasmo e a alegria reinavam entre os presentes. O Vice-Rei de Maconge estava entre nós e todos o queriam conhecer.

Sob a batuta de D. Walter Abreu, Duque da Chibia, nas vestes de Chefe do Protocolo, iniciou-se a chamada de Maconge, a entrada da sua Majestade o Vice-Rei, a Bênção do Vinho, o Jantar os Viró-Vira da noite, o empossamento do Rogério Pinto como Barão do Cambonéu, tão merecedor por tudo o que tem dado a Maconge, os Discursos da Soleníssima Praxe e, finalmente, o momento recreativo.

A Ceia terminou. Sua Majestade gostou. O Edgar Macedo, como sempre, encantou. Todos cumprimentos. Foram muitos os que demonstraram a sua alegria por tudo ter corrido tão bem. Toda a pressão de uma noite longa, que terminou às 3 horas do dia seguinte, escapava-se por tudo o que era sítio.

O último dia chegou. Estava a acabar os bons momentos que passámos juntos. Chegou o dia da partida. Se por um lado estávamos felizes pelo cumprimento quase perfeito, do Programa que tínhamos preparado para receber o Roberto, por outro todos manifestávamos a nossa tristeza pela sua partida.

Eram 22 horas do dia 3 de Março de 2020, quando a Sua Majestade, o Vice-Rei de Maconge, deixou o Lubango. Luanda era o seu destino. Até sempre Roberto.

Maconge revigorou-se com esta visita. Quem nos recebeu nas muitas visitas que fizemos, ficou surpreendido com a História do REINO DE MACONGE. Jornalistas houveram que e interessaram pela divulgação desta história. Os Maconginos residentes ficaram mais motivados para continuar a levar o Reino até onde nos for humanamente possível. Todos nós somos poucos para perturbar MACONGE.

Ao ROBERTO DA SILVEIRA, VICE-REI DE MACONGE, a aos muitos Maconginos e gente bárbara que colaboram connosco e nos ajudaram a materializar este esforço para receber sua Majestade no Berço, um enorme GINGA MALAIA.

António Lemos

Duque da Mapunda e Duque-Mor de Angola

Maconginos, Queridos Companheiros.

Desta minha quarentena (trabalhando em casa) para as vossas, o meu forte abraço solidário e de esperança nestes dias de trevas, mas também de novas luzes que talvez antes não víssemos.

Parece, apesar de udo, ou por isso mesmo, uma boa ocasião para escrevendo, revendo e publicando, esperando que os “ares” que trouxe da nossa terra vos alieirem um pouco o fardo desta circunstância que vivemos.

Respondendo a um instante apelo da minha consciência e da minha saudade, da memória do meu Pai e do carinho, amizade e lealdade dos Maconginos residentes em Angola, em especial da Nobreza e do Clero, com destaque para o Duque-Mor de Angoa, decidi enfim efectuar mesmo uma peregrinação à minha terra, à nossa terra.

Deixo-vos aqui um breve relato dessa inesquecível e tão gratificante jornada, realizada entre 26 de Fevereiro e 9 de Março de 2020, enquanto a memória do detalhe se não apaga de todo e porque, em bom rigor, não creio, infelizmente, que possamos encontrarmo-nos em breve numa Ceia de Maconge, de viva voz, o pudesse fazer.

Desculpam eventuais lapsos, mas não teve oportunidade de ir tomando notas ao longo da Peregrinação, valeram-me as preciosas ajudas do detalhado programa da Visita ao Lubango, elaborado por Sua Excelência o Duque-Mor de Angola, D. António Pereira de Lemos, as Notas de Sua Excelência o Du-que da Chibia, D. Walter Abreu, sobre a Visita a Luanda.

E agora nesta atualização e nova edição do texto, com contributo também do notável álbum fotográfico trabalhado por D. João Costa e Silva, assim como valeram os trabalhos de revisão final de D. Henrique (Higino) Vieira e a belíssima capa elaborada a partir de uma fotografia de autoria da nossa companheira Fátima Silva.

Por último, mas não menos importante, destaco a iniciativa da Comissão Organizadora das Comemorações dos 80 anos de Maconge, e por ela fico imensamente reconhecido, de impulsionar e promover a publicação deste diário em letra de forma, desde cedo

sugerida, e por “ordem de entrada”, por César da Silveira Visconde de Maconge e Secretário do Conselho de Estado, D. Henrique (Higino) Vieira, presidente da Academia, Conde do Chioco e soba de faro D. Manuel Carreira Fernando, Presidente da Academia, Chefe do Protocolo do Sobado de Leiria, Visconde da Ribeirinha e D. Mário Parente Ramos, Marques do Kuangar e Soba de Lisboa.

A todos eles, e em especial aos membros da Comissão D. Fernando Morgado, Trovador-Mor do Reino e Conselheiro de Estado, D. João Costa e Silva, Presidente da Academia, Marques da Minhoca e Conselheiro de Estado e D. Jorge Arrimar Bardo do Reino e Arquivista-Mor, sete fortes e muito gratos abraços, sendo um, ou mesmo sete, para cada um!

Roberto Silveira

Vice-Rei de Maconge

Dia 26 de Fevereiro de 2020

E assim foi que, estressado e com frio, com roupa mas própria para Angola duque para o invernoso dia aqui vivido, saí de minha casa, em Lisboa por voltas das 6h30m e cheguei a Luanda ao princípio da noite, depois de uma excelente viagem abordo de um Boeing 777 da TAAG.

Depois de medida a temperatura corporal e desenfestadas as mãos no aeroporto (singela mas elemental e reconfortante atitude eu por aqui tarda em se implementar), saí e fui recebido no aeroporto 4 de Fevereiro, também conhecido como Aeroporto das catanas, por uma lustrosa delegação Macongina, encabeçada pelo Duque de Luanda, D. Kim Seabra Marques Pires, pelo Duque da Chibia, D. Walter Abreu, pela Condessa do Kaitou, D. Eduarda Cristão (Doca) e pelo Bispo “Ad Hoc” D. Óscar Gil Amaral Pereira. de acordo com as palavras do próprio já publicada do Facebook, a sua presença na comitiva de recepção ao Vice-Rei “tinha como finalidade a bênção do chão sagrado do berço da Humanidade e do Reino e para que a memória não e apague, fazer a recolha das imagens da calorosa recepção a Sua Majestade”. E assim foi, e as imagens também circulam já no Facebook.

Estava calor, evidentemente, tal como foi também calorosa a recepção. Porem, nem então, nem ao longo de toda minha estadia ouve ou senti um mosquito! O repelente que levava voltou como foi: virgem! E “honni soit qui mal y pense”?

Dali seguimos para um jantar no “Marialva”, onde se juntaram a nós o Acácio Carreira e o Carlos Rei. A confraternização foi intensa mas breve, visto que na manhã seguinte teria de me levantar as cinco da manhã pra seguir viagem para o Lubango.

Pernoitei na confortável e bem refrigerada casa de D. Walter Vinhos que, a custo, me conseguiu acordar as ditas 5 da manhã.



Comitiva de recepção – chegada a Luanda
José Sousa, Seabra Marques Pires, Walter Abreu
e Óscar Gil



Comitiva de recepção – chegada a Luanda
Seabra Marques Pires, Walter Abreu, Óscar Gil e
Eduarda Cristão (Doca)



Comitiva de recepção – chegada a Luanda
José Sousa, Walter Abreu, Óscar Gil e Eduarda
Cristão (Doca)



Jantar no Marialva
Seabra M. Pires, Eduarda Cristão (Doca), Walter
Abreu, Roberto da Silveira e Óscar Gil



Jantar no Marialva – Carlos Rei, Óscar Gil, Seabra
M. Pires, Eduarda Cristão (Doca), José Sousa
Roberto da Silveira e Acácio Carreira



Jantar no Marialva – Carlos Rei, Óscar Gil, Seabra
M. Pires, Eduarda Cristão (Doca), Walter Abreu,
Roberto da Silveira e Acácio Carreira

Dia 27 de Fevereiro de 2020

Matabicho ligeiro e viagem para o aeroporto, onde embarcámos para o Lubango, tendo lá chegado, emocionado e expectante, por volta do meio-dia. Por um triz, não beijei o chão, e fomos (o Walter e eu) também calorosamente recebido por outra ilustre, emocionada também, e muito amiga delegação Macongina, onde pontificavam D. António Pereira de Lemos, Duque da Mapunda e Duque-Mor de Angola, D. Fernando da Silveira (Funka), Duque da Huíla, D. Valério Guerra, Conde de Tchinkerere e Soba de Portimão, acompanhado de sua Mulher, a sempre carinhosa e querida fatinha, D Edgar Roque de Macedo, Arcebispo de Wiriambundo e Marquês do Kangolo, D. Kim Silva, Conde da Lola e D. Fernando Fernandes Peres, Visconde dos Barracões.

Este havia de ser o “núcleo duro” que quase sempre me acompanhou e me encheu de cuidados e amizade, fazendo a justiça de destacar o Edgar Roque de Macedo que não me largou um segundo e que me (nos) fez rir todo o tempo com uma inexcedível lábia!

Tempo ameno e toca a subir para os carros, em direcção aos Reais Paços, onde larguei as malas numa excelente suite, para logo seguir em direcção ao almoço que teve lugar no restaurante “Freitas”.

Ainda meio “alucinado” pelas madrugadas, correrias e viagens fui porém reconhecendo alguns, poucos, dos sítios por que passava e que já não via há mais de 50 anos, com destaque naturalmente para o Parque da Sra. Do Monte, incluindo o antigo Casino.

O António Lemos entregou-me um bem elaborado programa para a minha estadia no Lubango, queixando-se da brevidade da visita que não lhe permitiu incluir tudo quanto achava adequado...

Mesmo, assim, alterou-o de imediato para me permitir uma sesta nos meus reias aposentos, que tão bem me soube, a seguir ao almoço.



Aeroporto da Mucanca
51anos depois



Aeroporto da Mucanca – Fátima Silva, António Lemos, Fernando Peres, Kim Silva, Fernando da Silveira (Funka) e Carlos Evangelista Luís



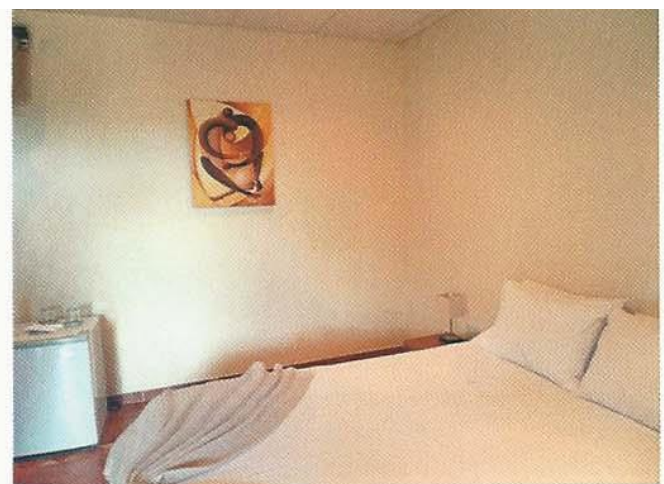
Aeroporto da Mucanca – António Lemos, Fernando Peres, Fernando da Silveira (Funka), Kim Silva, Roberto da Silveira, Valério Guerra



Chegada aos reais Paços – Fernando da Silveira (Funka), Roberto da Silveira, Valério Guerra



Reias Paços de Maconge
A caminho da sesta



Reias Paços de Maconge
Alcova Real

Dia 27 de Fevereiro de 2020

Já mais repousado, e guiado pelo Funka, visitei os Reias Paços, cheio de belos cantos e recantos, frondosos e acolhedores. Trata-se de uma notável obra realizada ao longo dos tempos com muita dedicação e amor e com um plano de melhorias e de expansão.

Passámos a um aperitivo, no jardim e à sombra, com muita conversa, recordações e boa disposição, servidos pela enorme simpatia e eficiência da Teresa que tratou de mim e de nós todos como pais, filhos ou irmãos.

E daí ao jantar foi um ápice, realizado no salão nobre dos Reias Paços com a presença do “núcleo duro” e de outros Maconginos que se juntaram à celebração. Gostaria de ter gravado a conversa! Fotos há muitas, como agora podem ver ou rever no site oficial do Reino.

Devidamente comido e bebido, com remate do indispensável Black Label (também herança dos usos e costumes do meu Pai), inebriado com o ar puro e fresco da Sra. Do Monte, dormi toda noite com um justo!

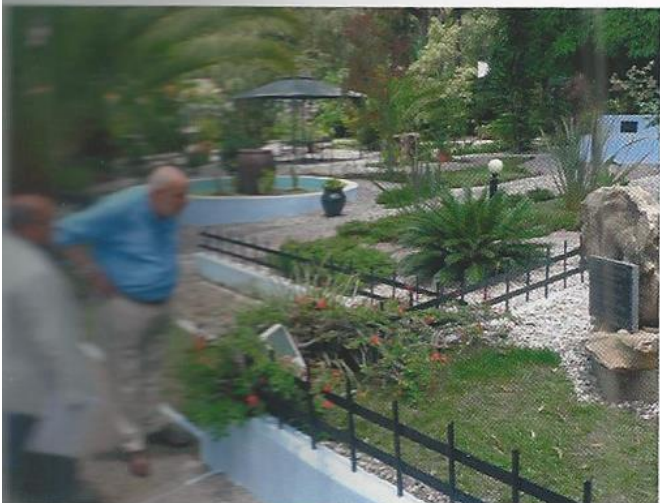
E assim se cumpriu o primeiro dia no Lubango, minha querida e saudosa Sá da Bandeira da minha infância.



Reias Paços de Maconge
Visita ao espaço exterior



Reias Paços de Maconge
Réplica do bambu existente



Reias Paços de Maconge
Placa evocativa da reinauguração



Reias Paços de Maconge
Lendo a reprodução de um D.R. de D. César



Reias Paços de Maconge
À conversa antes do jantar



Reias Paços de Maconge
Um brinde ao Reino de Maconge

Dia 28 de Fevereiro de 2020

Alvorada no Lubango por volta das 7h, com pequeno-almoço marcado nos Reias Paços às 8h. antes dele, recolhi-me alguns momentos junto do Bambu ali recreado, onde foram depositadas as cinzas de Sua Majestade e o Vice-Rei D. Olavo Godinho, meu antecessor e grande Amigo do meu Pai e de mim próprio. Saudades e memórias atropelaram-se dentro de mim e foi com redobrado fôlego que saí para viver o dia.

Ao matabicho compareceu quase todo o “núcleo duro”, e ainda o nosso Companheiro Jorge Purificação, Cavaleiro do Reino e sua Mulher, também ali hospedados. E que pequeno-almoço! Pelas mãos mágicas da Teresa, lá veio o sumo de laranja, o doce de mirangolos (mirangolos!), o café, o leite, o pão e uns divinos ovos, mexidos e estrelados, à sombra num dos recantos mais aprazíveis dos Reias Paços.

Compostos e recompostos, seguimos para uma romagem ao antigo Liceu Diogo Cão, onde nos guardava, logo ao cimo da escadaria, uma delegação de três responsáveis e docentes da Universidade Mandume, chefiada por um dos seus Vice-Reitores.

No fresco corredor da entrada, junto ao sino que fazia soar a temida “Tavarina” hora (aproveitem para reler o Canto II das Macongíadas...), por todos saudosa e gulosamente olhado, desenrolou-se uma longa e amistosa conversa, marcada por forte boa disposição e grandes gargalhadas, arrancadas pela lábia incomparável do Edgar Roque de Macedo, que começou logo por se apresentar como o “único” Soba branco de Angola”! O Kim Silva, por seu lado, não perdeu a oportunidade e “lançou a escada” ao sino que por ali jaz sem badalo, propondo-se levá-lo para os Reias Paços, em troca de um sino elétrico que oferecia à Universidade. A resposta do Senhor Vice-Reitor de que “não precisavam de sino “ deixou em aberto a possibilidade de o virmos a recuperar!

O edifício mantém a nobre traça externa, esta com algumas alterações (como refeitório e parque de estacionamento) e percorremos alguns dos sítios mais marcantes de antanho. Sentados à sombra do viçoso Bambu, no pátio, continuava a conversa e a boa disposição imperava. Reverenciámos a lápide que ali ao lado marca e recorda o Dr. Leandro de Mendonça e, feitas as despedidas no melhor dos ambientes, embarco com o Edgar no seu imponente Hummer prateado em direcção à Tundavala.



Visita ao Liceu
Átrio de entrada



Visita ao Liceu
Pátio do Bambu



Vista ao Liceu
Ao lado do sino



Visita ao Liceu
No bambu, com um grupo de Maconginos e
responsáveis pela Universidade Mandume



Visita ao Liceu
Já sou veterano!



Visita ao Liceu
Com Edgar Macedo lendo a placa de homenagem
ao Mendoça das Forças

Dia 28 de Fevereiro de 2020

Em permanente e alegre cavaqueira, sempre que conseguia intervir nos irresistíveis, às vezes ácidos mas sempre absolutamente divertidos monólogos do Edgar, lá fomos, “na ponta da zagaia”, bebendo a belíssima e forte paisagem que nos conduzia a Tundavala.

Os ecos da minha infância perderam-se, porém nas densas nuvens que a cobriam, pelo que não consegui rever nem a “Vala”, nem, muito menos, a “Tunda”! Mas senti a sua presença e a sua força relembrando a esmagadora beleza do local.

Inversão de marcha e vamos afogar a mágoa num gins tónicos (os meus sem gelo, claro) servidos a pouca distância, num simpático estabelecimento, o “Lechalet”, célebre pelos queijos que vende e eu petiscámos. Comprei um pequena porção para levar para a bela residência do António Lemos, onde fez boa e breve figura como aperitivo.

Recebidos pelo António e sua encanadora Família (sua Mulher Elsa, filhos e netos) cedo a dureza do núcleo amoleceu num pantagruélico almoço regado com muitas e desvairadas garrafas de excelentes tintos e braços, com remates finais de doces e licorosos, e direito a um viró-vira que me surpreendeu com um copo ainda cheio com para aí meio litro de tinto, de que me desembarcei, devo dizer, sem titubear nem engasgar, nem respirar, com muita linha!

Dado o avanço da hora, o programa foi de novo reajustado, e pedi ao Edgar que me levasse ao cemitério da Mitcha, em busca da campa do meu Avó materno, Carlos Marques Pinto.

Ziguezagueei em direcção ao Hummer e lá fomos. Não dá para acreditar no eu viram os meus olhos! As muitas obras regeneradoras da Cidade que têm sido realizadas pelo Governo da Província e que vão transformando num sítio muito diferente, habitável e transitável, ainda não chegaram ao cemitério, que é uma pequena selva, com muitos jazigos profanados destruídas.

Por ali andámos mais de uma hora, sob um sol abrasador, seguindo as referências que o meu Tio Jorge, Marquês de Mogiquissaba, me tinha feito chegar, lutando contra mato feroz, tropeçando em escondidas armadilhas, mas sem sucesso. Debandámos, açoitados pelo calor e eu pelos vapores, entretanto já quase desaparecidos, dos acima mencionados tintos, brancos e licorosos, mas com a promessa de voltarmos (o que viemos fazer, noutra dia).

Em breve passeio pelo Lubango, reví a Sé Catedral, arranjada e imponente, e percorria rua do “Picadeiro”, em busca da Tirol e da Flórida, e mais abaixo, no jardim, do cinema do Fernando Almeida, de que bem me lembrava. Nada encontrei... mas mesmo assim deu para recordar!

~reias Paços a seguir, duche tomado, meia hora de repouso e concentração alegre e muito conversada para enfrentarmos o jantar que se realizou no belíssimo restaurante “Casper Lodge”, com horas de convívio e boa mesa.

De regresso aos Reias Paços, ainda deu para um Black Label que me levou directo para junto de *Hipnos*.

E cumprido ficou o segundo dia, 28 de Fevereiro de 2020.

Dia 29 de Fevereiro de 2020

Nova alvorada às 7h, com o habitual e insubstituível matabicho nos Reias Paços, na companhia de boa parte do “núcleo duro”. Não é difícil a alvorada. Deito-me cedo, durmo bem e às 7h, já o sol vai alto e a temperatura amena da Huíla compõe o cenário. Como sabem, a vida por lá começa muito cedo.

Boa conversa, muito à volta do Reino e do seu futuro, com uma excelente ideia do Jorge Purificação, cujo desenvolvimento ficou entregue ao próprio e ao Duque-Mor. Como também quanto ao desenvolvimento dos Reias Paços, nas mãos sobretudo do Duque da Huíla, e com enfoque na regularização da transmissão do direito de superfície das instalações para a Associação.

A lei angolana (Lei da Terra), não permite ainda a transmissão do direito de propriedade. O Duque-Mor tem esperança numa breve solução da questão. Não anuncio agora as ideias em concreto; mais tarde, quando e se concretizarem veremos. Esta maldita pandemia vira as nossas vidas e os nossos projectos do avesso. E, entretanto, foi decretado o estado de emergência em Angola...

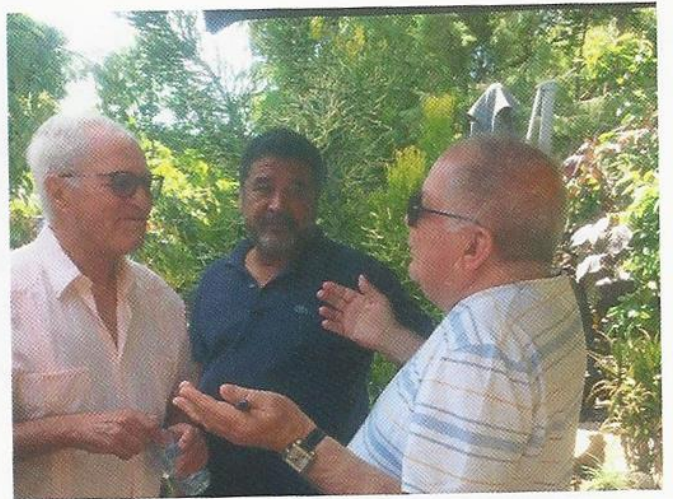
Estava marcada para as 10H, ali mesmo nos Reais Paços, a tomada de posse dos órgãos sociais da Associação Reino de Maconge, e chegou o Director Provincial da Cultura, Juventude e Desportos, um jovem, culto e bem disposto quadro do Governo, que pareceu muito sensibilizado e bem impressionado com o nosso Reino. Sob uma frondosa sombra e um bem organizado cenário teve lugar a cerimónia, formal e oficial, com assinatura do Auto de Posse e discursos do Duque-Mor, Presidente da Direcção, e do Director Provincial.

São ainda membros da Direcção da Associação o Sérgio Teixeira da Silva (Duque da Leba), o Edgar roque de Macedo (Arcebispo do Wiriambundo e Marquês do Kangolo), o Kim Silva (Conde da Lola), o Fernando Fernandes Peres (Visconde dos Barrações), a Maria

Fernanda Pinto de Miranda (Baronesa da Lalula), a Maria de Fátima Simão Deysel e o Carlos Cebolo de Oliveira (Barão da Serra Abaixo).



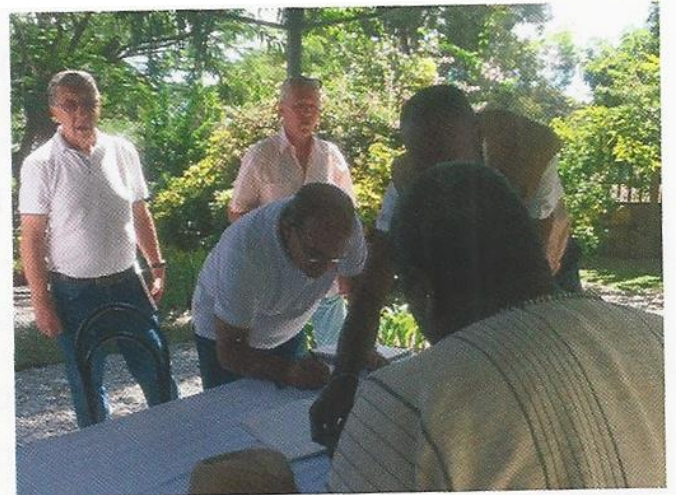
Tomada de Posse da Associação
Roberto da Silveira , Kim Silva e Francisco Ramos
da Cruz



Tomada de Posse da Associação
Kim Silva, Germano Moreira e Funka



Tomada de Posse da Associação
Walter Abre, Francisco Ramos da Cruz e Edgar
Macedo



Tomada de Posse da Associação
Antônio Lemos



Tomada de Posse da Associação
Germano Moreira



Tomada de Posse da Associação
Fernando da Silveira (Funka)

Dia 29 Fevereiro de 2020

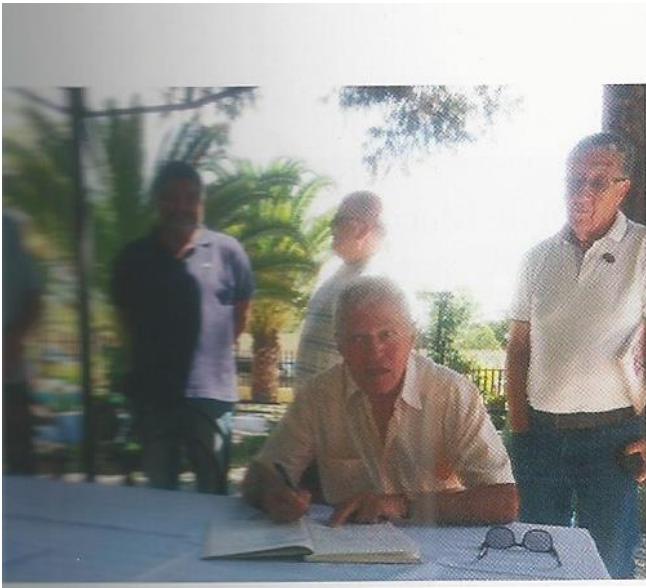
O Funka (Duque da Huíla) preside a mesa da Assembleia Geral, sendo Vice Presidente o Kim Seabra e Marques Pires (Duque de Luanda) e Secretária a Eduarda Cristão (Condessa do Kaitou). Do Conselho Fiscal é Presidente o Walter Abreu (Duque da Chibia), Vice-Presidente José Manuel dos Santos Gil (Barão da Pombachina) e Relator o Grrmano Moreira (Bispo de Kapunda-Kavilongo).

A Associação foi constituída com o primordial objectivo de receber o direito sobre os Reias Paços, visto que o Reino não tem personalidade jurídica, mas creio agora ter percebido que também funciona como um agregador institucional e eficaz dos Maconginos em Angola, em especial no Lubango.

Finda a cerimónia, “embarque” para a Cascata da Huíla, mergulhando de novo na serra e no verde tropical, intenso e vasto, que nos acompanha na curta viagem. Lá chegados, apresso-me em direcção à cascata, com a piscina natural cheia de crianças e jovens, mas da casacta... muito pouco!

Um qualquer fenómeno, natural ou com mão humana, desviara água para os lados pelo que o caudal era pequeno. Nem assim deixei de me emocionar uma vez mais, rodeado de África por todos os lados! Seguimos para o almoço marcado ali mesmo, no jardim do “Restaurante da Huíla”, conhecido da malta.

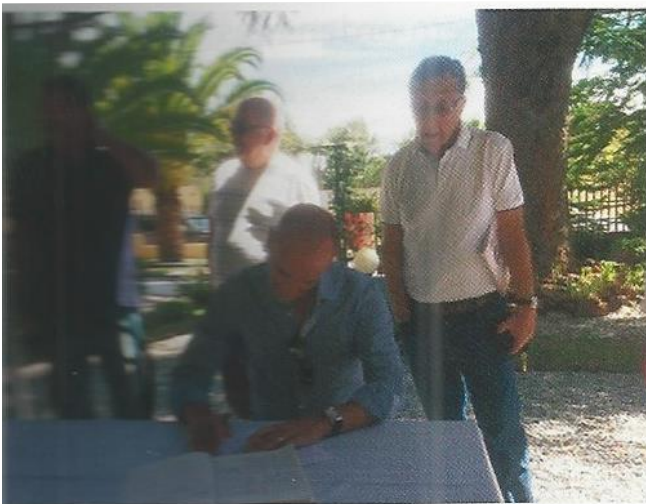
Jardim tropical, claro, intensamente povoado de verdes, árvores e capim e meia dúzia de mesas. Aí julgo ter descoberto o segredo da juventude do Kim Silva: um churrasco à maneira, devorado à la main, com muita, e boa batata frita e cervejas e tinto q.b., até sobrar só enorme travessa. Servidos por uma simpática e graciosa jovem (Filomena?), que alegres despreocupados estávamos! Que nostalgia já! E que diferença, imagino, para os tempos actuais ... Mas então, saciado e confortado, regresso ao Lubango, para o descanso numa boa sesta e depois preparação da Ceia que se avizinhava.



Tomada de Posse da Associação
Kim Silva



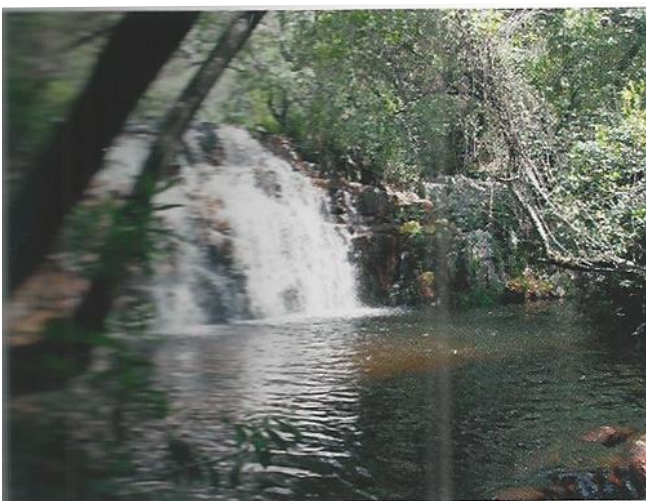
Tomada de Posse da Associação
Walter Abreu



Tomada de Posse da Associação
Fernando Peres



Tomada de Posse da Associação
Carlos Cebolo de Oliveira



Cascata da Huíla



Cascata da Huíla

Dia 29 de Fevereiro de 2020

Chegou a hora. Vou presidir, como Vice-Rei de Maconge, a uma Ceia Nacional no berço do Reino, onde tudo começou há mais de 80 anos, peço ao meu Pai que me ajude e inspire, traço uns tópicos para o Discurso da Coroa, duche e farda de gala, com a capa negra que me protege e desafia, ostentando o emblema de Maconge e, honoris causa, orgulhosamente, o dos Presidentes da Academia.

Dirijo-me, alo ansioso e pleno de entusiasmo e comoção, antes da hora marcada, para o salão nobre dos Reias Paços, onde sou o primeiro a chegar. Enorme salão, absolutamente cheio de mesas de mesas bem ordenadas e ornamentadas, decerto com o saber e a dedicação do Fuka, da Maga, da Teresa e de todos os demais.

Passada uma hora, estão cerca de 120 (cento e vinte) Maconginos no salão. A Mesa de Honra é assim composta: à minha direita, D. Luís Nunes Visconde da Tunda, Governador da Província da Huíla, D. Fernando da Silveira (Funka), Duque da Huíla, D. Sérgio Teixeira da Silva, Duque da Leba, D. Valério Guerra, Conde de Tchinkerere e Soba de Portimão e D. Kim Silva, Conde da Lola; à minha esquerda, D. António Pereira de Lemos, Duque da Mapunda e Duque-Mor de Angola, D. Fernanda Pinto de Miranda, Baronesa da Lalula, D. Francisco Ramos da Cruz, Conde da Lucira e antigo Governador da Província, D. Edgar Roque de Macedo, Arcebispo de Wiriamundo e Marquês do Kangolo e D. Walter Abreu (Tchipatchi), Duque da Chibia e Chefe do Protocolo ad hoc.

Respira-se Maconge, sente-se o entusiasmo e a expectativa, fui uma onda DE Lenda, Sonho, Fantasia e Fraternidade e inicia-se o Protocolo da Ceia: Chamada de Maconge, entrada do Séquito Real com o Hino de Maconge a vibrar e a ecoar nas nossas almas e depois a Bênção do Vinho, dada e atirada por D. Edgar Macedo, coadjuvado por D. Valério Guerra, feito Bispo ad-hoc.



Ceia do Lubango
Chegada dos maconginos



Ceia do Lubango
Chegada dos maconginos



Ceia do Lubango
D. Roberto da Silveira e D. Luís Nunes



Ceia do Lubango
Chefe do Protocolo – D. Walter Abreu



Ceia do Lubango
Entrada do Séquito Real



Ceia do Lubango
Bênção do Vinho – D. Edgar e D. Edgar D. Valério

Dia 29 de Fevereiro de 2020

Começa a Ceia, aceleram a conversa e a Confraternização. Na Mesa de Hora, vou conversando com D. Luís Nunes, a quem agradeço a presença, na sua qualidade de Governador da Província; o diálogo é fácil e muito simpático.

A malta Fixe parece feliz e contente e chegamos ao Primeiro Viró-vira da noite, de pé e em silêncio, em memória dos que se ausentaram para a parte inserta. Um dos momentos mas marcantes das Ceias, que mas uma vez uma vez vivemos com muita linha e saudade.

Segue-se uma divinal caldeirada de cabrito, entre meada com os Viró-viras lançados pelo Walter, e depois os discursos. Por ordem de entrada, e se bem lembro, o Valério e o Guerra, o Edgar, o Funka e o António Lemos, e depois o da Coroa, escutado com muita atenção e absoluto silêncio, ponteados aqui e ali por algumas gargalhadas a propósito.

Ouvi-os com muita emoção e agradeço as sentidas e amigas palavras e homenagens que me dirigiram. Chega a minha vez e não prometo ser breve... Afinal, a muitos anos que esperava a ocasião. Optei, com sempre, por um improvisado com recurso a uma pequena cabula, com indicação dos temas principais que queria abordar, esperando não ter sido excessivamente longo, mas suficientemente claro. Filo também emocionado, sentindo-me bem-vindo, acarinhado, e respeitado, por mim e pelo que institucionalmente me cabe representar, defender, e continuar: Maconge, a sua História, o seu Futuro, o Rei e os Vice-Reis, a Nobreza, o Clero e a Plebe.

Foi lido o Decreto real 1/ 2020, que atribuiu o titulo nobiliárquico de Barão do Camboneu a D. Rogério Adelino Pinto, o qual me acompanhou em algumas andanças, e foi apresentada pelo Duque da Chibia, uma Proposta para que se diligenciasse junto das autoridades competentes pela atribuição do nome de “Reino de Maconge” a uma rua em zona nobre da cidade. Ficou Nas mãos do Duque-Mor e que assim possa vir a ser.

Findo o discurso, com o vió-vira de homenagem a quem nos proporcionou um impecável serviço da Ceia, incluindo D. Funka como representante da



Ceia do Lubango
Viva a malta de maconge ...



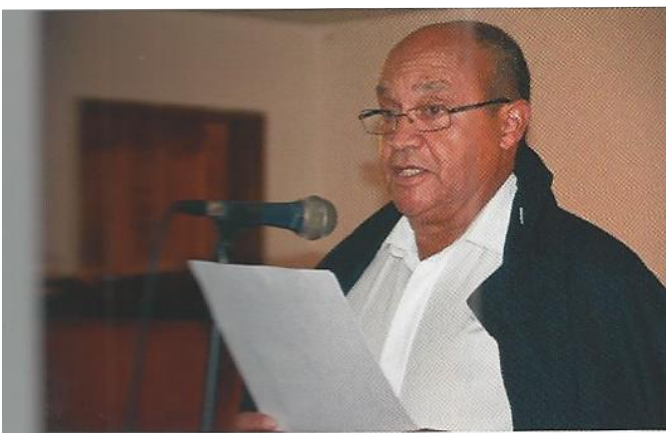
Ceia do Lubango
Primeiro viró-vira da noite



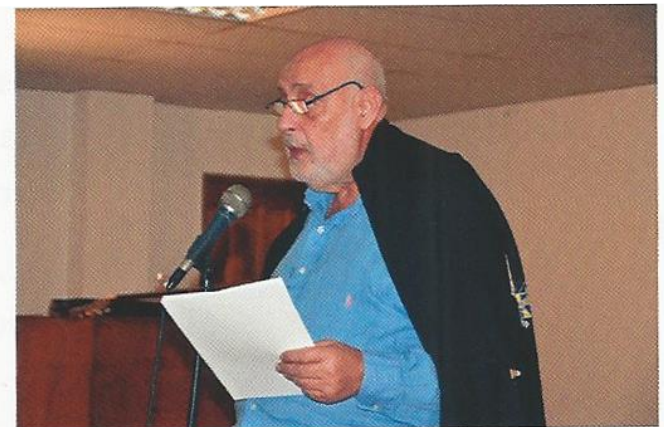
Ceia do Lubango
Rogério Pinto – Barão do Cambonéu



Ceia do Lubango
D. Fernando da Silveira – Duque da Huíla



Ceia do Lubango
D. António Lemos – Duque-Mor de Angola



Ceia do Lubango
D. Roberto da Silveira – Discurso da Caroa

“entidade empregadora” , avançámos para os fados e guitarradas, antecidos por primorosa declamação de alguns poemas pelo Prof. Agnelo Carrasco.

Convém recordar ou informar que o salão dispõe de um belíssimo palco, de onde se discursou, declamou e cantou. E que canto! O jovem João Rodrigues brindou-nos com uma série de fados de Coimbra, alardeando uma voz e um sentimento que a todos prendeu e encantou, bem acompanhado à guitarra pelo Emanuel Pacheco, com uns toques violino do Miguel Reys que, por si, só deu de igual modo um belo espetáculo. Muito apertou a saudade do nosso Trovador-Mor, D. Fernando Morgado, cuja ausência mais me doeu então!

Encerrada a Ceia, e com o devido sentimento Real, o Arcebispo D. Edgar salta, ou voa, talvez melhor dizendo, para o palco, tal era o estado de leveza em que se encontrava, para nos esmagar com a leitura de uma mensagem que diz ter sido pelo Cardeal Ratzinger, ou mesmo da sua autoria, na qual, por exemplo, e num português muito germânico, apela às jovens para “não piçarrem os flores”...

Literalmente embalado, passa a ler a carta de uma mãe alentejana ao filho, a quem começava por pedir que avisasse, caso não recebesse a dita carta... Às tantas, porém, as letras e as linhas da carta terão sofrido um forte abalo, desgovernaram-se, do palco enquanto largava as folhas da carta que esvoaçaram e se perderam, para grande desilusão, temperada com enormes gargalhadas, de todos os que queríamos conhecer o texto na íntegra.

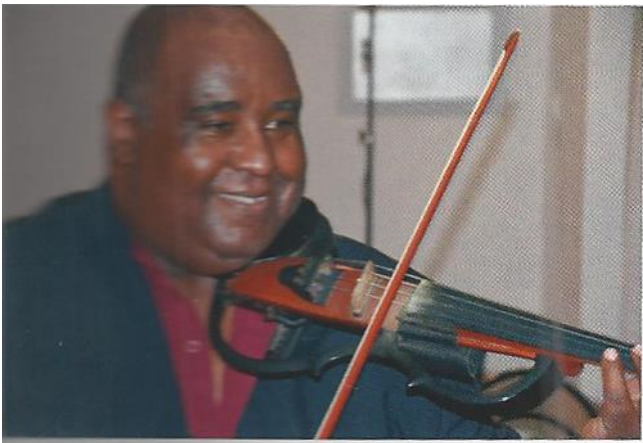
E assim ficou, e ficará para sempre, no coração e na minha memória, esse momento altíssimo da minha vida como Macongino e como Vice-Rei.



Professor Agnelo Carrasco declamando um poema



Fado de Coimbra – João Rodrigues canta, acompanhado à viola por Emanuel Pacheco



Miguel Reys e a magia do seu violino



Miguel Reys canta e António Lemos e seu par aproveitam para um passo de dança



D. Edgar Macedo, Arcebispo de Wiriambundo, e Marquês do Kangolo, aqui na sua versão Ratzinger



Ovacionado pela assistência, D. Edgar Macedo recebe o apoio de D. Roberto da Silveira e de D. Fernando Peres

Dia 1 de Março de 2020

Mais um matabicho nos Reias Paços, às 8h, desta vez rendido aos incomparáveis ovos estrelados da Teresa, a quem peço a receita. Tinha a mania que me caiam mal, e caiam, mas deixaram de cair. Sumo de pêsego, doce de mirangolos, pão, queijo, fiambre, café com leite. Que delícia!

E daí, partida para uma romagem ao cemitério dos Barracões, que se encontra bem cuidado, onde nos recolhemos perante as campas que lá se encontram, incluindo a do Dr. Mendonça nesta com um sentido e silêncio viró-vira, depois de umas breves palavras que proferi.

Com furtivas lágrimas no canto dos olhos, ouvi pela voz do Fernando Peres a leitura de um emotivo discurso pronunciando ali pelo meu Pai, há cerca de 51 anos, e todavia muito actual, de homenagem aos velhos Colonos e ao Dr. Mendonça.

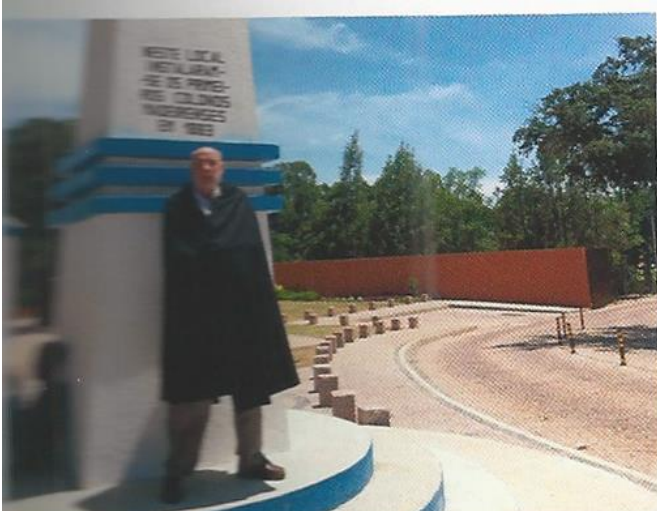
De regresso à cidade, fizemos uma pequena visita a alguns locais emblemáticos, como o Palácio do Governo Provincial, onde nos iríamos encontrar com o Francisco Ramos da Cruz. Ainda entrámos, mas ele estava retido numa reunião de última hora. Passámos pela antiga Câmara Municipal e pelos edifícios da EICAP e do Colégio Paula Fransinetti, todos bem conservados e a reluzir de memórias, e dirigimo-nos ao lindíssimo “Pululukwa Resort” para almoçar (Pululukwa significa em dialecto Nhaneca “descansa o Corpo”).

Éramos bastantes, talvez 14, alguns acompanhados das respectivas cônjuges, e onde conheci um encantador neto do Edgar, super entretido com o Walter, e sua bonita e simpática nora. Depois de uns gins tónicos, só por causa da malária, claro na esplanada fresca e com uma visita deslumbrante, passámos a um restaurante cinco estrelas, com um excelente buffet, onde me deliciei, pel menos duas vezes, com um calulu de peixe fresco, bom tinto e belas sobremesas, rematadas com o inevitável Black Label, de novo na esplanada.

Ao sair do resort, já nos automóveis, fomos surpreendidos, mesmo à nossa frente, por uma pequena manada de grandes zebras, selvagens

e lindas, que atravessavam insolente e majestosamente a rua do resort como se fosse delas. E era!

Regresso ao Lubango, onde em geral se circula bem de automóvel, em ruas quase todas arranjadas ou em obras de recuperação/manutenção, cheias de coloridos e de gente, imensas crianças e muitos jovens.



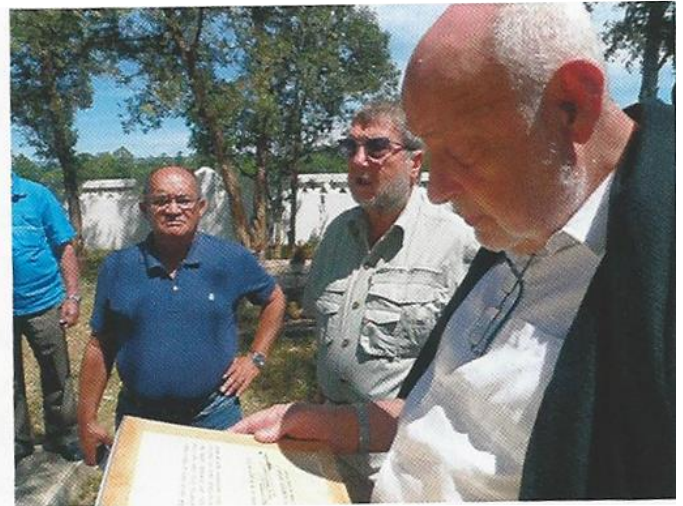
Visita aos Barracões
Obeliseo a assinalar o local



Visita aos Barracões
Campa de nove dos primitivos colonos



Visita aos Barracões
D. Fernando Peres lê a cópia de um discurso feito há 51 anos por D. César da Silveira, neste local



Visita aos Barracões
D. Roberto da Silveira folheia o álbum fotográfico do encontro macongino em Cabinda - 1972



Visita aos Barracões
Homenagem ao Mendonça das Forças



Visita aos Barracões
À sombra da mulemba

Dia 1 de Março de 2020

Breve descanso nos meus aposentos e nova missão à espreita, dura e exigente como as demais, marcada para as 17h: “Pôr-do-sol” e Convívio na fazenda de Francisco Ramos da Cruz, na Humpata.

Ali ainda demos uma volta, procurando a casa da minha Tia “Silveirinha” (Joana, de seu nome próprio) irmã do meu Avô paterno, casada com o Tio Luís Nóbrega. Sem sucesso! Há para aí 60 anos, ou mais, que lá não ia e não consegui reconhecer nada, embora com memória bem presente dos abundantes lanches e jantares servidos a “multidões” familiares uma sala da jantar digna de um palácio.

Ala então para a fazenda que se faz tarde, onde fomos recebidos generosa e muito amigavelmente pelo Francisco, com saborosos ecepipes e petiscos servidos na sala e na varanda, enquanto a conversa disparava e a boa disposição imperava. Impressionante como a Malta não se cala! E sempre com histórias e estórias diferentes, memórias sem fim, conversas que se encandeiam como laços infinitos! Cervejas, tintos e afins a rodos.

Às tantas apareceram três muitos jovens sacerdotes católicos da Paróquia da Humpata, incluindo o Prior que, devidamente causticados e por fim absolvidos e abençoados pelo Edgar, se acolheram à sombra protectora do Francisco e dos cozinhados à disposição, enquanto ouviam, incrédulos e estupefactos, a história de uma verdadeira (?) missa rezada de fio a pavio pelo nosso Arcebispo, a pedido de um sacerdote que se encontrava incapaz de o fazer por razões que não é de bom tinto, perdão, de bom-tom, relatar.

Chega a hora da partida. Queríamos voltar ao Lubango ainda com alguma luz, para tentar sobreviver aos muitos perigos da estrada nocturna, sem iluminação, sem bermas, sem lei, viaturas as mais diversas sem luzes traseiras ou, em sentido contrário, demáximos, bem acesos, e onde de quando em vez aparecia um enorme cartaz de sinalização, recomendado que se evitasse ultrapassar pela direita... Compreende-se, pela esquerda era praticamente impossível!

Conseguimos chegar sãos e salvos aos Reias Paços onde, dadas as sistemáticas privações do dia, ainda me delicieei com uma omeleta feita pela Teresa, para depois me recolher e preparar-me para enfrentar o dia seguinte; objectivo e destino, Moçâmedes!



Visita a casa de D. Francisco Ramos da Cruz
Humpata



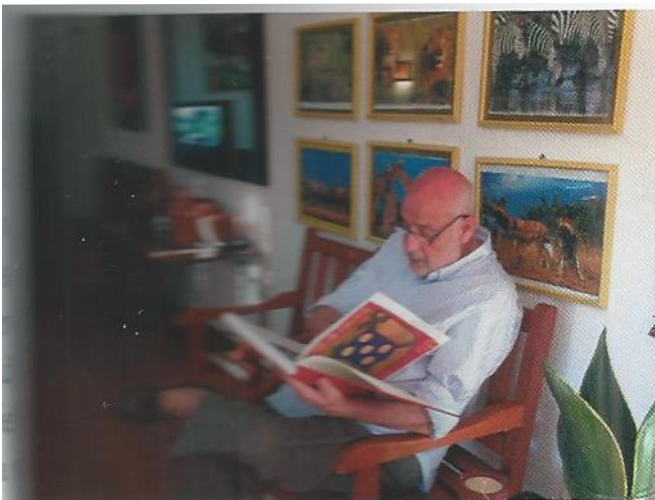
Visita a casa de D. Francisco Ramos da Cruz
Humpata



Visita a Casa D. Francisco Ramos da cruz
Humpata



Visita a casa de D. Francisco Ramos da Cruz
Humpata



Visita a casa de D. Francisco Ramos da Cruz
Humpata



Visita a casa de D. Francisco Ramos da Cruz
Humpata

Dia 2 de Março de 2020

Quando começo a escrever esta crónica, passou por um mês sobre o que vou relatar. Já? Ainda? Nunca?... Os tempos estão tão diferentes que custa acreditar. É pois com um misto de espanto, dor nostalgia mas, sobretudo, esperança e saudade, que o faço.

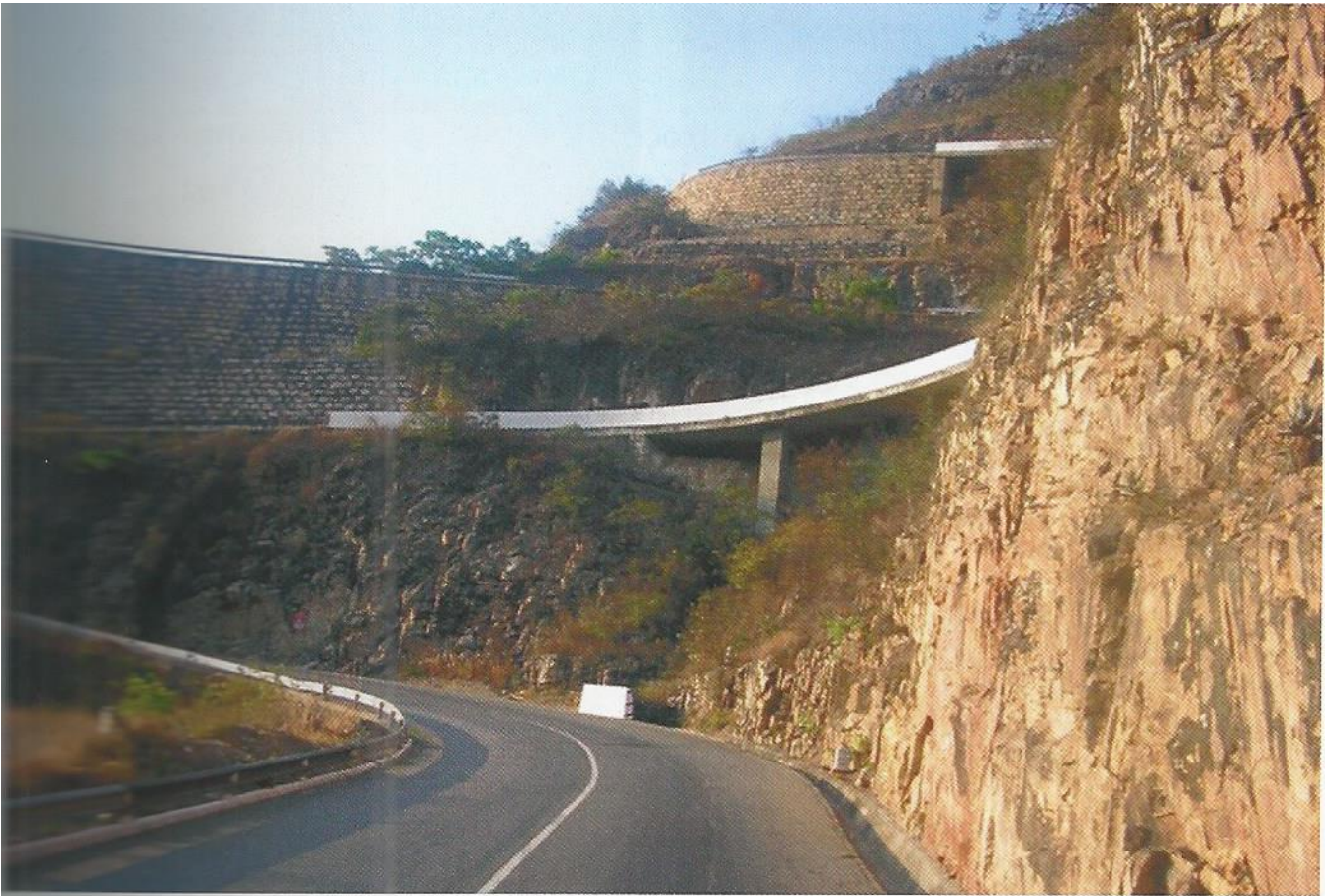
Concentração marcada para o “corpo expedicionário” às 7h, com o incontornável matabicho nos Reias Paços. Parte do corpo atrasou-se e, come, não come, conversa e mais conversa, acabámos por sair só lá por volta das 10h! Funka, Edgar, Fatinha, Valério e eu, instalados no Hummer, aí vamos nós a caminho de Moçâmedes.

Com a minha mania da híper pontualidade, e almoço marcado para as 12h em casa do Duque-Mor, na Baía das Pipas, saí algo enervado.

A estonteante e esmagadora beleza do trajecto concentrou, porém, todos os meus sentidos. A quem nunca fez tal viagem (ó infelizes!), não será possível perceber por inteiro do que falo. Os outros, até poderão ficar decepcionados, mas não há engenho e arte que baste para o efeito. Só vendo e vivendo!

Em dia sem nuvens e encalorado, começa o mergulho na Serra da Leba, em direcção ao deserto e ao mar. Cerca de 200 km nos separam do destino. Verdes intensos e selvagens, escarpas de rocha infinitas e infinitamente belas que se nele se despenham. Águas que brotam das rochas e da densa vegetação tropical. É tudo imenso e forte, verde e dourado, sob o azul cristalino do céu.

Desenrola-se a fita da estrada. Vamos descer de 1,8 kms de altitude para próximo de zero, em cerca de 10 kms de estrada, e a pressão nos ouvidos sublinha isso mesmo. Paramos no miradouro da Leba para encher os olhos e a alma. Lá encontrámos um simpático casal alemão, subindo da Namíbia para o Lubango numa caravana, com quem se trocam palavras e fotografias.



Dia 2 de Março de 2020

Seguem-se os 7,7kms do célebre troço da estrada em constante serpentina, ziguezagueando em desafiadora e atrevida descida para o deserto, nas mãos seguras do Edgar. A passagem vai mudando, adaptando-se ao Namibe. Longas rectas quase desertas, rodeadas de areia e escassa vegetação.

Às tantas avistamos um velocípede com estranhos contornos. Um jovem mercador no assento. À frente, esparramado sobre o guardalamas e de focinho apontado para o mar, um cabrito vivo. Atrás, esparramado do mesmo modo e com vista para a serra, outro, também vivo. Ultrapassamos devagar e, lado a lado, perguntamos ao jovem o preço dos animais: 17.000 e 27.000 Kwanzas, se não me falha a memória e se não me baralho com a moeda.

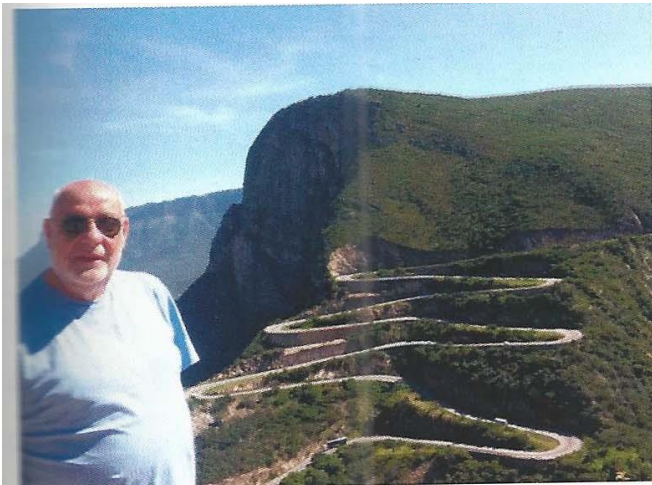
É quase meio-dia quando chegamos a Mocâmedes, por onde damos uma breve volta em busca da minha infância e juventude, que apenas reencontro na fachada do Hotel Moçâmedes, na do antigo Hotel Turismo do meu “Tio” Patalim (D. Norberto Gouveia, Arcebispo da Praia das Conchas), e nas arcadas coloridas junto à praia.

Passados todos estes anos, não dá para reconhecer uma cidade então com cerca de 12.000 habitantes, onde estive meia dúzia de vezes, muito miúdo ou muito jovem, com a actual urbe de várias centenas de milhares de pessoas.

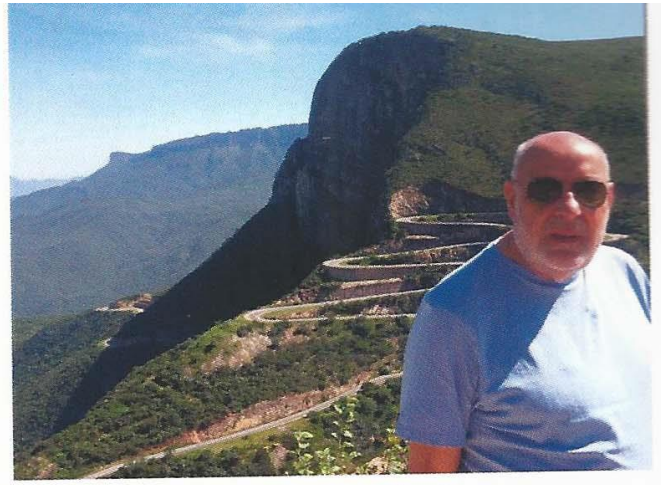
A cidade pulula de gente, com muitas crianças e jovens, mercados e vendas de rua com muitas cores e sabores. Sinto aqui, como senti no Lubango, uma constante alegria no ar, apesar da difícil vida da larga maioria.

Em “modo africano” , com um relógio que tem o dobro das horas e do tempo, o Funka quis ver as “novas centralidades”, curiosa expressão que se aplica a enormes bairros de construção muito recente, nos arrefores da cidade, inúmeros edifícios de 2 pisos quase totalmente desabilitados, aparentemente por desconformes às necessidades ou requisitos dos supostos candidatos a habitantes.

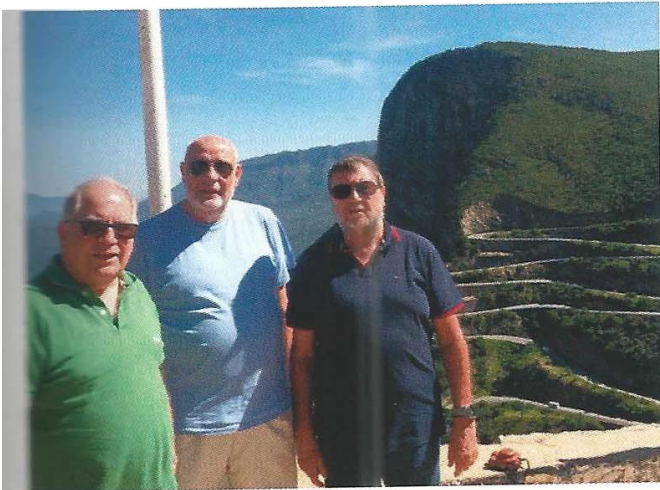
Uma fantasmagórica e triste mancha de desperdício como, provavelmente, de largos negócios.



Serra da Chela – Miradouro



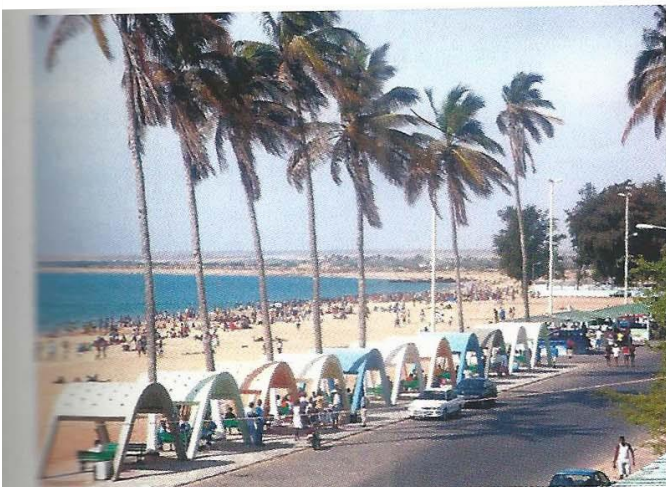
Serra da Chela – Miradouro



Serra da Chela – Miradouro
Fernando da Silveira, Roberto da Silveira e Edgar
Macedo



Moçâmedes
Praia das Miragens – Arcadas



Moçâmedes
Praia das Miragens – Arcadas



Moçâmedes
Hotel Moçâmedes

Dia 2 de Março de 2020

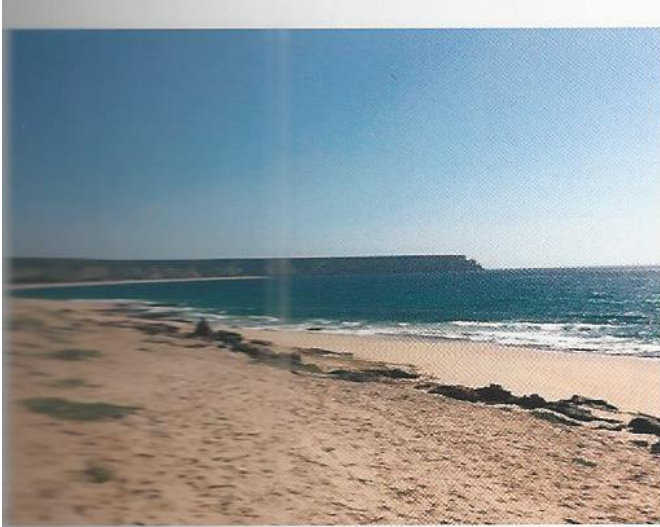
Apertados pelo meu “modo europeu², seguimos para a Baía das Pipas, onde o António decerto se impacientava já. Nada de rede nos telemóveis. Pé na tábua e fé no Hummer e no Edgar. Acaba-se o bem bom do asfalto e da planura da estrada e saracoteamos, terra batida fora, ainda uns bons quilómetros. Encontrámo-nos com o António que, também sem rede telefónica, saíra de carro à nossa procura, e por volta das 13.30h fundeámos, enfim junto ao portão da sua bela casa de pra, com o mar mesmo ali ao virar da esquina. Portão da sua bela casa de praia, com o mar mesmo ali ao virar da esquina.

Sedentos e esfomeados fomos gentilmente recebidos pela Elsa e soubemos então que o António tinha estado a um passo de cancelar a visita por se encontrar notoriamente debilitado por uma grande indisposição sentida na noite da véspera. Valente e determinado, socorreu-se da ajuda do bem-disposto amigo Alfredo Leite e ali estava a pé mas ou menos firme, acolhedor e generoso como sempre.

Tentados pela piscina, enquanto a Fatinha ia até a praia, o Leite, o Edgar e eu ora mergulhávamos na piscina ora uns deliciosos gins à maneira, com tudo a que tínhamos direito, incluindo muito gelo (ali, de confiança), após o que enfrentámos, com extremo pundonor um celestial calulu de peixe fresco, “fabricado” pela Elsa e regado e rematado por deliciosas licores e sobremesas, numa grossa de animada e constante conversa.

Instalado para o efeito, o António foi descansar um pouco, e os três mergulhadores lá voltámos para uma rápida piscina, antes que as digestões se ressentissem. Saciados e confortados, iniciámos o regresso ao Lubango, tentando passar dos 0 aos 1.800m ainda de dia, o que (quase) conseguimos.

Talvez por mais “vaporosos”, viagem fez-se bem e depressa, e cheguei aos Reias Paços a tempo de nova omeleta, Black Label e... cama! Cansado mas feliz, embora já temeroso do dia seguinte, em que deixaria a minha amada terra natal.



Baía das Pipas



Baía das Pipas
Funka, António Lemos e Roberto da Silva



Baía das Pipas
Roberto da Silveira, Valério Guerra, Edgar Macedo
– sob supervisão do António Lemos



Baía das Pipas
Valério Guerra, Edgar Macedo, Elsa Lemos, António
Lemos, Roberto da Silveira e Funka



Baía das Pipas
Edgar Macedo, António Lemos, Roberto da
Silveira, Funka Fátima Silva e Elsa Lemos



Baía das Pipas
António Lemos, Fátima Silva, Elsa Lemos Edgar
Macedo, Roberto da Silveira e Funka

Dia 3 de Março de 2020

São 7h45m e estou já sentado à mesa para o ultimo matabicho nos Reias Paços, marcado para as 8h e a que compareceram o António Lemos e o Edgar. Perdoem-me se me esqueci de alguém! E se me esqueci, que me acusem!

Matámos o bicho com os habitantes requintes e partimos para uma visita à Fábrica de Água Preciosa, ali muito perto, onde chegámos cerca das 9h, recebidos pelo Director-Geral, Eng. Valdemar Ribeiro.

Trata-se de uma moderna e grande fábrica, que trata e engarrafa água recolhida directamente de nascente da serra. São milhares de garrafas por dia, ou por hora, não retive os números mas lembro-me de ver na linha de montagem as garrafas ainda vazias a passar por mim a uma estonteante velocidade que envergonha qualquer Formula 1.

Em amena e animada conversa com o Director-Geral, ouvimos as suas preocupações e projectos, alguns podendo envolver a sociedade civil e o Reino de Maconge, que para tal foi desafiado, em termos a desvendar se e quando... Foi mais um forte sinal do relevo do Reino, e do Duque-Mor, no Lubango.

Este sinal de vitalidade, interno e externo, de que já me tinha apercebido bem, deve-se muito à nossa História, mas hoje, em especial, ao prestígio de que gozam os mais destacados Maconginos do Lubango, com relevo para o António.

O que reforçou a minha convicção, há muito sentida e publicamente expressa, *urbi et orbi*, no Discurso da Coroa que proferi na Ceia de 29/02, do acerto dos conselhos que recebi e da nomeação, que oportunamente entendi fazer, do António Lemos como representante do Vice-Rei em Angola.

Terminada a visita, regresso aos Reias Paços para o almoço de inauguração da Churrasqueira, um espaço bem arranjado no jardim. Convivas vários, churrasco bom e muito e uns chouriços caseiros

assados na brasa. E foi aí que um bicho nos atacou, à Fatinha, ao Valério, e a mim, como viríamos a constatar à noite eu já em Luanda...

Comemos qualquer coisa vinda “da Hunguéria”. “Da Hunguéria”, no léxico do Edgar (não cheguei a perguntar porquê) é qualquer coisa a evitar, feia estragada, velha e por aí fora.



Dia 3 de Março de 2020

Depois do repasto, partida para visitar o Museu da Huíla, onde nos esperavam. Uma jovem culta e bem disposta, guiou-nos na vista ao pequeno mas bonito edifício. Foi aí que vi pela única vez o Valério a tentar tirar fotografias, porém logo impedidas, por proibidas, como em qualquer museu.

No bonito jardim do Museu, as comovedoras estátuas de figuras marcantes da História de Angola, como Artur de Paiva e João de Almeida, e os bustos de Luís de Camões, D. José da Câmara Leme e Agapito de Carvalho.

A seguir, nova viagem ao cemitério da Mitcha em busca da campa do meu Avô Carlos Marques Pinto, com o resultado que já relatei em mensagem publicada no Bambu, ficando pendente de futuras diligências.

Regresso aos Reias Paços, já de coração mais apertado, para um breve repouso e fazer a mala, e após um derradeiro Black Label, lá vou para o Aeroporto da Mukanka, com o António e o Edgar, aparecendo depois o Kim Silva e o Rogério Pinto.

Eram cerca das 18.30, faço o check-in e depois aguardo num café antes da sala de embarque, com os meus companheiros de despedida, que ali ficaram a pé firme até à descolagem do avião, do que preveniram o Walter que me esperaria em Luanda.

Quando agora deixo de novo a minha terra, quero expressar a minha profunda gratidão a todos os Macongins que me receberam e acarinharam, em especial ao “núcleo duro”. Ao António Lemos, que me recebeu, tratou e guiou com grande amizade e consideração “recíprocas”.

Ao Funka, que me acolheu nos Reias Paços e me estragou com os mimos de todas as pessoas que lá trabalham. Recordo-as bem, e ainda as vejo a responder ao meu bom dia ou boa tarde, com as mãos postas em ligeira vénia e a dizerem obrigado.

Ao Edgar, que me acompanhou sempre e que viria a reencontrar em Luanda.

A todos! Ao Walter Abreu (que me viria a hospedar em sua casa, em Luanda), Sérgio Teixeira da Silva, Kim Silva, Maga e Teresa.

Deixei um Maconge bem vivo, activo, coeso, orgulhoso do passado e de olhos postos no futuro. Retemperei a minha alma e renovei a minha fé no Reino e os meus propósitos, muitos por cumprir ainda.

Ao descolar enfim, e à medida que o Lubango desaparecia na distancia e na noite, abri uma nova gaveta especial no meu coração e guardei-os a todos, onde estão e estarão. E soa-me o canto: “Lubango tem mais encanto na hora da despedida...”

O pesar da partida, o que vai ficar para trás, a saudade, a vontade, a vontade de continuar encantado, mas afinal não ficar... o encanto que se vai perder, por isso é maior...

GINGA MALAIA!



Dia 3 de Março de 2020

Cheguei a Luanda por volta das 22h do dia 3. Muito calor, nenhum mosquito. Desembarque rápido e sem filas nem sobressaltos, com medição da temperatura e desinfecção das mãos. Aguardava-me o Duque da Chibia, D. Walter Abreu, e lá fomos, até Viana, e ao condomínio fechado onde se situa a sua confortável casa de R/C e 1º andar, bem refrigerada.

Uma bela sopinha de vegetais e ela para a caminha de uma confortável suite, onde passei uma noite de pesadelo, sofrendo os efeitos da ingestão ainda no Lubango de um bicho “Hunguéria”, efeitos que não vou descrever, mas que podem, embora não devam, imaginar. D. Óscar Gil haveria, mais tarde e informado sobre o assunto, de decifrar o genoma do animal que “baptizou” apropriadamente e de imediato de “Cuvirus”.

Dia 4 de Março de 2020

Levantar cedo, duche e pequeno-almoço composto por chá Príncipe e torradas com um pouco de delicioso doce de mirangolos, preparado pela carinhosa e gentil Adriana, empregada do Walter. O dia foi passado em casa, entre o sofá, a cama e a “enfermaria” para “decantação” do dito “vírus”.

Canja ao almoço e peixe grelhado ao jantar, confeccionado pelo Bruno, filho do Walter e grande “Chef” culinário, irradiante de paz e tranquilidade. Tudo somado, passei uma noite já menos má.

Dia 5 de Março de 2020

Atrevi-me a ir até a Ilha de Luanda, para mim quase irreconhecível, ansioso por um mergulho no mar. Fundeámos na Esplanada do Restaurante “Miami Beach” e corri para a água, ao reencontro dos meus juvenis e felizes anos.

Água boa, escura e muito salgada. Dois ou três mergulhos que me soberam pela vida, seguidos de uma garoupa grelhada e água (!!)

3 já sentia o bicho em frança regressão.

De volta a casa, um breve passeio por Luanda, também praticamente irreconhecível. A marginal está muito bonita e bem cuidada, a Mutamba ainda com uns ares do antigamente.

O Walter ligou-me depois em busca da casa dos meus Pais, por trás do antigo Palácio do Governo Geral, onde habitavam os membros e os funcionários do Governo. Um brinquinho, o Bairro (que se chamava do Saneamento) e a casa! De cores diferentes mas impecável, onde encontramos um jovem, presumimos que funcionário da Presidência, que nos disse não ser possível tirar fotografias. Informando pelo Walter de que eu tinha habitado, atirou-me com um caloroso “bem-vindo”!

Passagem ainda pelo Bairro Miramar, também a luzir de impecável e, tal como o outro, sem trânsito nem automóveis estacionados ou pessoas nas ruas. Regresso a casa, para não abusar, serpenteando pela Via Expresso, através de um tráfego caótico, milhares de automóveis e de pessoas nas ruas, infundáveis bancas e banquinhas de venda de tudo.

Na via expresso com três faixas de cada lado, todas preenchidas, não há linhas rectas. Ou há só uma, a da esquerda, onde a malta se instala, em especial inúmeros camiões do tempo “da outra senhora”, carregados para além do possível, ameaçando desfazerem-se em qualquer momento.

Centenas de “candongueiros”, pequenas carrinhas fechadas, azuis e brancas, com a lotação inicial multiplicada por dois ou três, que são quase o único meio de transporte público utilizado, furam por onde calha e encostam súbita e inopinadamente na berma para largada e recolha de passageiros.

De resto, andamento aos esses, ultrapassagem pela direita ou pelo centro, onde houver um buraco e, de vez em quando, no meio deste absoluto caos, peões que atravessam as seis faixas como quem bebé água. É certo há várias passagens aéreas para peões, sobrelotadas, super coloridas e agitadas, mas nem todos a servem...

E assim chegamos a casa a meio da tarde, para um breve repouso e depois um jantar de peixe grelhado (e chá!!!...), primorosamente preparado pelo Bruno. Um pouco de televisão, RTP 3 e FOX Cinema, na altura a passar sem cessar “westerns “ de há 50/60/70 anos, com o Kirk Douglas, John Wayne, Charles Bronson, Raquel Wrlch, Cláudia Cardinale, Hernry Fonda, et., bons indutores do sono que se seguiu, já praticamente normalizado.

Dia 6 de Março e 2020

Para este dia 6 estava marcado um almoço de “Caldo de Peixe” em casa do Walter, com o Kim Seabra, o Óscar Gil e o Edgar. Pantagruélico, delicioso almoço! Extraordinário ambiente, favorecido pela arte de bem receber do Walter e do Bruno, e animado por essas forças da natureza que são o Óscar e o Edgar.

Aquele, sempre de Cohiba em punho e uma lábia sem limites, a comer e a beber como se não existisse amanhã, regando abundantemente o caldo com tinto e gindungo, e “desvirado” com uma garrafa de “Poncha”” provocatoriamente exibida pelo Walter (e eu ainda com a ... Do chá!). começámos aí por volta das 12.30h e o final só se deu já a lua a lua ia alta.

P programa do dia seguinte, dia da Ceia Nacional de Luanda, passava por uma ida matinal à barra do Kwanza, o que (quase) se cumpriu, como veremos em breve.

Dia 7 de Março de 2020

Como previsto, partida por volta das 10h para a Barra do Kwanza, o Edgar e eu, conduzidos pelo Sebas no confortável SUV Toyota do Walter que, privado da ajuda do Bruno, entretanto embarcado para Lisboa, se ficou por Viana a trabalhar. Uma viagem de cerca de 100 kms, com bastante trânsito e uma paragem no Miradouro da Lua, belíssimo, com vista para uma deslumbrante paisagem lunar de uma imensidão de rocha clara, com salpicos de vegetação, em sucessivos socalcos a a descerem vertiginosamente por ali abaixo.

O objectivo principal era a praia a praia, ansiando por mais uns mergulhos e, assim que aparece a primeira tabuleta com essa indicação, já perto da ponte sobre o rio, aí vamos nós. A dita tabuleta acusava gritantemente a passagem de muitos anos, e suspeitei da opção...

Com efeito, mal saímos da estrada principal, entramos em “mar alto”, sacudidos dentro do SUV como numa caravana quinhentista a dobrar o Cabo da Boa Esperança, só que em terra batida... Prova provada de que nenhum dos viajantes fazia a menor ideia por onde andávamos ... Poucos kms e muitas e encapeladas “ondas “ depois, confirmam-se as suspeitas de que tínhamos perdido o norte, o sul e qualquer outro ponto cardeal.

Às tantas deparamos com um agente da autoridade, ou segurança privado, junto de uma edificações, para aí do século XIX, que nos recomenda meia volta e retorno à estrada principal. Assim fizemos, e outras tantas sacudidelas depois, reencontramos o asfalto e a primeira placa que nos aparece, apontando para a esquerda, dizia “Mangais”, nome que já identificámos.

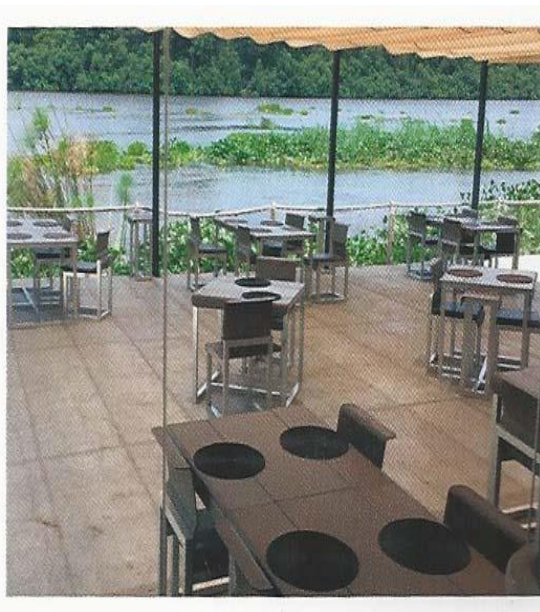
Passadas que eram cerca de três horas desde a saída de Luanda não hesitámos, mal sabedores que, virando à direita e andando uns 100 metros, teríamos chegado a bom porto, ou seja, à desejada praia. Mas enfim, a sede, o apetite e o cansaço levaram-nos de imediato para o restaurante do “Mangais Ecoresort”. Na esplanada, logo à entrada, um Macongino, claro, em amena cavaqueira com um grupo de amigos, conhecido do Edgar e com quem trocámos umas palavras, desafiando-o para a ir à Ceia essa noite desafio que ali não enjeitou mas que acabou por não aceitar.

Almoço de Muamba de galinha, e Coca-Cola..., sentado num bonito restaurante buffet, entalado entre o mar, que não se via mas se adivinhava, e o majestoso rio que passava junto às largas janelas do restaurante, emanando uma força enorme e tranquila, poderosa sinal

da Natureza, arrastando lentamente consigo largas manchas de vegetação tropical.



Mangais Ecoresort
EdgarMacedo e Sebas



Mangais Ecoresort

Dia 7 de Março de 2020

Regresso a Luanda e a habitual preparação para a Ceia, a realizar no 1º andar do “Mariavalva”, reservado para a Malta, onde cheguei com o Walter cerca das 19h. Muito calor, uns momentos de convívio na esplanada, com o Óscar Gil, o Valério e alguns dos Maconginos que chegando, e, enfim a subida ao 1º andar.

Cerca de 30 Maconginos e candidatos a Maconginos enchiam a sala, em boa e franca confraternização, com conversas animadas e manifestações de regozijo por alguns reencontros. De novo Maconge presente, a mesma alegria, bastante entusiasmo o espírito de corpo, de pertença a qualquer coisa grandiosa que nos envolve e enleva.

Chamada de Maconge e entrada do do séquito Real com o hino bem cantando. Na Mesas de Honra, à minha direita, D. Kim Seabra Marques Pires, Duque de Luanda, a Fatinha e D. Valério Guerra Conde da Tchinkerere e Soba de Portimão e à minha esquerda, D. Eduarda Cristão (Doca), Condessa do Kaito, D. Óscar Gil Amaral Pereira, Bispo “Ad Hoc” e D. Edgar Roque de Macedo, Arcebispo de Wirimbundo e Marquês do Kangolo.

D. Walter Abreu, Duque da Chibia, como Chefe do Protocolo ad hoc, abriu as “hostilidades” com uns bem puxados “gritos de guerra” para afastar males passados, presentes ou futuros e convocar a Malta para o Convívio.

De seguida, anunciou as mensagens recebidas de D. Acácio Meireles da Cruz, Duque de Vouga-Gare, Conselheiro de Estado Emérito e Fundador do Reino, de D. António Preira de Lemos, Duque da Mapunda e Duque-Mor de Angola e de D. Zito Freitas, Marquês do Pinda.

Realizado o primeiro viró-vira da noite, em memória dos que ausentaram para parte incerta, de pé e em silêncio a Ceia prosseguiu, em excelente ambiente, não obstante o meu desânimo por estar a comer pescada cozida e, vergonhosamente, a beber Coca-Cola, tal como, aliás, a Fatinha e o Valério,



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
Chegada ao Restaurante



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
Convívio na esplanada



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
À conversa com Seabra Marques Pires



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
Valério Guerra, Seabra M. Pires e Fátima Silva



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
A bênção do vinho



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
A bênção do vinho

Dia 7 de Março de 2020

Todos, ainda convalescentes do “Cuvirus “...

Um ou dois viró-viras depois, passamos ao baptizado de seis novos Maconginos, apresentados e “defendidos” pelos respectivos patronos. Sinal também da vitalidade do Reino, que se prolonga por dois excelentes discursos da Luísa Dolbeth e Costa e da Filomena Oliveira, apostando na coesão, expansão e continuidade do Reino e apontando alguns caminhos para tal, que o Kim Seabra, o Walter e a Doca desenvolverão e apresentarão oportunamente.

Seguia-se a intervenção do Duque de Luanda e, para encerrar, o Discurso da Coroa, que proferi com incontida emoção e contentamento, regozijando-m pelos sinais de vitalidade do Reino e o interesse manifestado pela generalidade dos presentes para aquisição do livro dos 80 anos de Maconge.

Encerrada a Ceia, e não havendo fadistas presentes, o Edgar brindou-nos com a leitura da “encíclica/Ratzinger” e, desta vez, com a leitura completa da carta da mãe alentejana, para gáudio de todos os presentes.

Depois de mais alguns momentos de boa conversa e confraternização, em especial com os neófitos Maconginos e a Filomena Oliveira, chegou a hora de partir para o descanso noctívago, com uma noite já bem passada e sem viroses. O dia seguinte seria o penúltimo em Angola...



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
A homilia de D. Edgar Macedo



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
A homilia continua sob o olhar de D. Valério Guerra e D. Walter Abreu



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
Batismo dos novos Macongins



Ceia de Luanda - Restaurante Marialva
Batismo dos novos Macongins



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
O Discurso da Coroa



Ceia de Luanda – Restaurante Marialva
O Discurso da Coroa – definição do rumo

Dia 8 de Março de 2020

Pois neste dia 8, como combinado, o Kim Seabra, o Walter e eu lá vamos de manhã com destino a Cabo Ledo, em busca de praia e de uma boa refeição. Sendo Domingo, o trânsito estava mais macio e, na conversa estrada fora, em breve passámos a placa mediável que na véspera me atirara para o “mar encapelado” e logo a seguir, então sim, nova placa e eis que chegámos a um bem composto resort, o “Doce Mar”, eram cerca das 11h30m/ 12h.

Muito calor, breve paragem na esplanada do restaurante, mesmo junto à belíssima pra, quase deserta, onde dei finalmente início a um tratamento de choque contra o “bicho da Hunguéria” com um belo gin tónico. E toca a mergulhar naquelas águas quentes e batidas, também escuras e muito salgadas, sentindo-me no paríso.

O Walter já marcara mesa para o almoço, para as 14h. entretido com os mergulhos e com e com a busca de uma concha que a Leonor, minha filha mais nova, me tinha pedido como recordação, a par de uma perda do Lubango, que encontrei na Cascata da Huíla (uma bonita lasca de granito rosa), o tempo foi passando. A praia era muito enxuta de conchas e a escuridão da água não me permitia ver no fundo, que fui tateando até encontrar o tesouro!

Estando eu posto em em sossego nesse paraíso, eis senão quando, lá pelas 13h, vem o Walter tocar a recolha! O restaurante estava cheio e precisávamos de ocupar e defender a nossa mesa. Lagosta grelhada para os três que, não estando propriamente cinco estrelas, um tanto secas, ainda assim souberam bem, devidamente acompanhadas do álcool apropriado. Serviço simpático mas muito lento. Calor de rebentar...

Muitos estrangeiros, incluindo um grande de muçulmanos a falarem ora árabe ora francês (Marrocos, Argélia?), com forte contraste entre a postura “ocidental” dos homens, em grandes conversas e a beber cerveja, com a das mulheres, envolvidas nas vestes do costume, nada apropriadas para a praia mas, aparentemente, muito felizes.

Terminado o repasto, rematado a Black Label, vamos atravessar a ponte sobre o Kwanza, portagem para lá e portagem para cá (AKZ 500 para cada lado). Ao passar o rio senti um forte respeito por aquela força contida que nele se presente, e deslumbramento pela paisagem tropical em que se enquadra.

Andámos umas centenas de metros e voltámos para trás. Um pouco antes da ponte o Walter para o SUV à beira da estrada e saiu, sem nada dizer... E , eu curioso, e o Kim, saímos também.

Eis senão quando apareceram cerca de uma dúzia, ou mais, de pequenos macacos, sôfregos pelas bananas que o Walter tinha traduzido já para o efeito, e que, mal entregues, eram imediatamente deglutidas. Estranhei ver duas caudas por cada macaco, entrelaçadas, uma mais pequena do que a outra...

Comentei o fenómeno com o Kim e fiquei esclarecido! Eram macacas, todas com minúsculos macaquinhos a si abraçados e com as respectivas caudas entrelaçadas das progenitoras... Quem não vê bem, é como quem não vê bem!



Foi um momento único em que me senti em estreia comunhão com a natureza: o rio a correr mansamente, mas respirando forças e poder, a verdíssima e cerrada floresta tropical, o silêncio, e os ⁷⁰macacos, mães e filhos, a virem comer às nossas mãos. Lindo!

Dia 8 de Março de 2020

Esgotadas as bananas, de volta ao SUV e regresso a Luanda, percorrendo tranquilamente a estrada, quase sempre com o rio e depois o mar à nossa vista. Estava a ser um dia memorável, e como tal continuaria, graças à extraordinária gentileza e boa amizade do Walter.

Lugar e tempo estes, aliás, apropriados para reiterar o meu muito de um “Western” de há décadas, saímos os três e vamos apanhar a Doca para jantar na Ilha de Luanda. Breve e emocionada passagem pelo antigo Liceu salvador Correia, a brilhar, novinho em folha, onde fiz o 6º e o 7º ano e em que agora funciona uma Escola do Magistério Primário.

Directos depois à Ilha, fazendo toda a Marginal e vislumbrando a imponente Fortaleza, para atracarmos no excelente restaurante “Cais de 4”, na esplanada com vista para a marginal e para Luanda à noite, que me recordou, assim ao longe, da vista e da memória, e em ponto mais pequeno, Hong Kong...

“Cais de 4” por ter sido fundado por quatro sócios e não sei também se para., metaforicamente, evocar uma saída bem bebida, ou a célebre cação “Lançada Perfume”, da Rita Lee, e onde comi um dos melhores bifes à Milaneda da minha vida, bebi do bom e do melhor e conversámos de tudo e de nada. Não me esqueço também, a Doca recordar-se-á, de ter “conhecido” ao vivo e a cores, sentada numa mesa perto, a madame Castafiore, marcante personagem dos livros do Tintin...

Levámos o Kim e a Doca a casa e lá vou preparar as malas, com a preciosa ajuda do Walter que conseguiu arrumar, com todas as cautelas cinco frascos de doce de mirangolos, que fazem agora a delícia dos meus jantares e acentuam a nostalgia e a saudade que sinto.

Dia 9 de Março de 2020

Levantar cedo, mas não muito. O avião era meio dia e contámos com três hora de antecedência para sair de casa e apresentar-me ao check.in.

O Walter seguiu para o escritório e o Sebas levou-me ao Aeroporto, conduzindo magistralmente pelo meio do habitual caos rodoviário e acompanhando-me para dentro da aerogare até onde era possível. Sentido abraço de despedida a aí vou para os procedimentos de embarque, que correram bem e depressa, sempre bem tratado, com muita simpatia e até deferência por toda a gente, e esperando num confortável Lounge pela hora do embarque.

Mal lançado pelos céus de Angola, novas “picadas” de saudade, muitíssimo feliz pelo curto mas preenchido tempo da minha estadia, com a sensação muito grata do acolhimento que tive, e mesmo, para além do prazer e do gosto de um Dever finalmente cumprido.

Termino, evocando as Macongíadas:

*Queria cantar em versos sonoros
Os feitos magistrais dos Maconginos,
Os feitos de feitos estrondos
Dum povo de valentes paladinos,
Este povo de homens teremosos,
Espertos, sabedores e muito finos
Que lançaram no outro e neste mundo
Os traços dum civismo bem profundo.*

Adeus Companheiros!
Até breve Companheiros!

GINGA MALAIA

Roberto da Silveira
Vice-Rei de Maconge

Na página 32, desta publicação é referida a leitura de um discurso de homenagem aos primeiros colonos madeirenses, e em especial ao D. Leandro de Mendonça, feito por D. César da Silveira, a 19 de Janeiro de 1969, dia da cidade, em cerimónia realizada nos Barracões.

Na fotografia ilustra esse momento, podem ser vistos em primeiro plano, o Governador de Distrito Inspector Celso Vilanova, o Reitor do Liceu, Arq. Samuel Varandas, o Rei de Maconge, D. César da Silveira, e Henrique Vieira, que, na qualidade de Presidente da Academia e de descendentes de madeirenses, proferiu o seu discurso, falando em nome dos estudantes da Huíla.

Vê-se ainda o repórter Carlos Meleiro que fazia reportagem para a Rádio Comercial e Mário Saraiva de Oliveira, à data Grão Duque do Lubango, em representação do Rádio Clube da Huíla.



Transcrevemos, nas páginas seguintes, a notícia deste evento, dada através do Boletim da Câmara Municipal de Sá da Bandeira, nº 24 (Jan/Mar 1969), bem como o discurso então proferido por D. César da Silveira.

O DIA DA CIDADE DE SÁ DA BANDEIRA

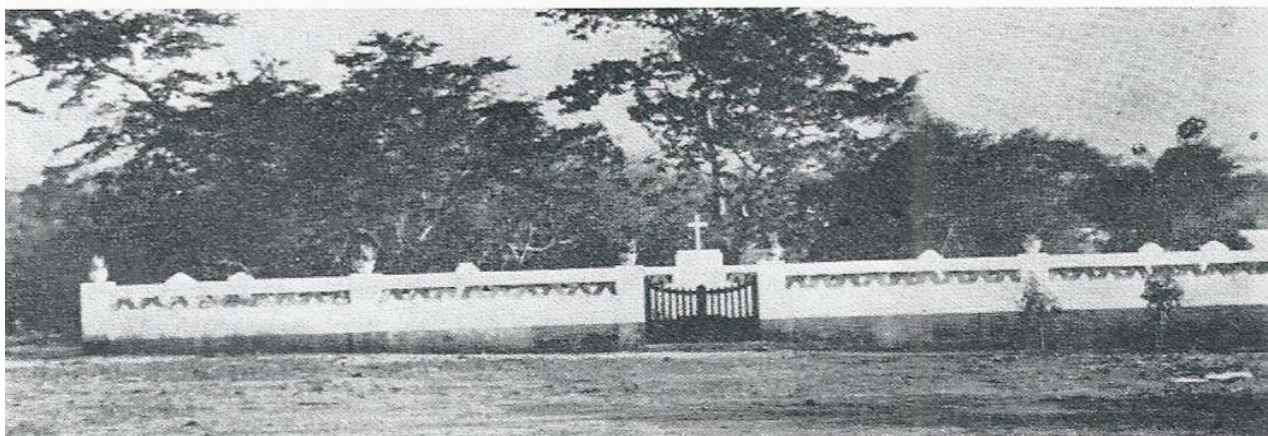
(19 de Janeiro de 1969)

Com um programa variado e já tradicional, em que a Religião, o civismo, o desporto e a saudade se deram as mãos, comemorou-se com carinho e entusiasmo o dia da Cidade (...)

A romagem ao Cemitério, precedia da Santa Missa, acusa essa fidelidade perene, repetindo de modo diferente os mesmos actos que alicerçaram os seus esforços iniciais, que nós repetimos com actualidade e com todos as virtualidades que nos dá a certeza da hora presente. Não nos ficamos na contemplação saudosista duma obra. O programa actual fala por si só do dinamismo que a geração actual imprime ao crescimento de uma Cidade que se expande em todos os sentidos.

É sempre significativa a presença da juventude estudantil em todas estas cerimónias. Já nos habituámos à sua presença, mas ela afirma sempre a nota da juventude irrequieta e a ansiosa de perfeição e de novas realizações.

Junto às campas do cemitério dos Barracões, do Presidente da Academia da Huíla, enrique Vieira, foi peremptório e oportuno nas suas afirmações de fidelidade e acção dinâmica. Fidelidade à tradição pátria, aos princípios herdados e recebidos na Escola do exemplo dos madeirenses que se perpetuam nesta Cidade. Foi a voz de um descendente de madeirenses, falando em nome dos estudantes. A sua voz vibrou com o mesmo acento de saudade e de certeza, que repassam as palavras proferidas por César da Silveira, outro filho de madeirenses, directo representante dos cabouqueiros.



(in Boletim da Câmara Municipal de Sá da Bandeira n° 24 – Jan/Mar 1969)

Discurso proferido por D. César da Silveira

Fala-vos a comoção e a sinceridade de um huilano, filho de filhos da Huíla, com filhos nesta abençoada terra nascidos, e cujos avós, maternos e paternos, modestos cabouqueiros desta cidade, sepultados se acham neste chão sagrado e bem português, de Angola.

Avaliarão, pois, V.Exas, da emoção que trago comigo para, neste lugar e neste e nestas circunstâncias muito especiais, pronunciar algumas palavras que de pobres que não se relevarão, apenas testemunho podem constituir de uma viva e perene veneração.

Sinto nos lábios a pobreza das minhas palavras e, no coração a grandeza da tarefa; se não a certeza de que a minha alma a sente em toda plenitude, ter-me-ia, decerto, furtado às emoções fortes destes minutos de evocação e oração.

Se é certo que a solenidade dos recintos desta natureza toca, na nossa alma, uma nota dolorosa de enlutado respeito e nobre compungimento, certo é também que nos inspira meditação séria e profunda, que é homenagem, que é rendição. E nós estamos aqui, precisamente, para meditar e homenagear! Meditar no esforço e nos sacrifícios dos velhos pioneiros deste Planalto e homenageá-los pelas lições que nos deram e pelo património que nos legaram.

Neste local de «os Barracões » vieram repousar das fadigas inenarráveis de uma viagem tormentosa ao longo do deserto de Moçâmedes e da Serra da Chela. Efémero repouso, que mais não foi que o ponto de partida para o crucial período que se seguiria, de lutas gigantescas com toda a espécie de adversidades que a selva hostil lhes poderia proporcionar, todo o seu cortejo de perigos, privações falta de recursos, de comunicações, de meios de transporte, de tudo,, enfim, quanto era elementar para um mínimo de segurança e conforto.

Contudo, sempre curvados sobre a terra, no amanho das culturas, com simplicidade, a enxada na mão, estoicamente, foram minutando páginas que honrosamente ilustrariam a magnífica História que Portugal escreveu na dilatação da Fé e da civilização.

Sem golpes espectaculares de audácia, sem interesse mesquinhos que pudessem ofuscar o brilho e a pureza das nossas consciências limpas; sem o ar arrogante de aventureiros-conquistadores, antes com um heroísmo sereno e tranquilo, abdicando e renunciando, cavaram, fundos, os alicerces desta cidade, onde se fixaram para jamais regressar à sua terra natal.

Pobres vieram, pobres morreram e pobres são, também os poucos sobreviventes que ainda restam dessas primeiras levas de 1885 a 1890. Pobres de bens matérias, mas ricos pela beleza das suas almas e virtuosas, em cuja transparência, sem artifícios, se pode ler tragédia de anos mal vividos; nas rugas, implacavelmente cavadas em seus rostos adustos, há linhas que nos asseveram que, em todo o seu ar de pobreza, há uma dignidade intangível, um asseio de consciências tranquilas e pureza enfim, que os coloca à vontade onde quer que seja.

Mas a selva bravia desbravou-se!

O Lubango desabrochou, cresceu, ampliou-se e espreguiçou-se com a volúpia, amorosamente emoldurado no chiché verde-romântico do exuberante Planalto da Huíla. Sá da Bandeira surgiu radiosa e – ó paradoxo da vida terrena – quanto mais menina é, mais envelhece, mas vai fenecendo a juventude esplendorosa da Ilha da Madeira, que a embalou em pequenina, que lhe deu água, que lhe deu pão e lhe estendeu as mãos calejados e honradas para a iniciação dos primeiros passos na senda íngreme da Civilização e do Progresso.

E foi assim, deste lugarejo tão discreto, onde hoje se esconde a morte, que foi, outrora, palpitando, aos poucos, a vida que se comunicaria ao velho Lubango e, do qual, nasceria Sá da Bandeira.

Outros portugueses foram chegando, oriundos dos mais remotos pontos do todo nacional, para prosseguir a Obra tão auspiciosamente encetada. Desta soma de esforços, da atenção que o Governo sempre prestou, resolvendo problemas que estavam no seu âmbito, desta harmoniosa colaboração de governantes e governados, resultou esta formosa capital de distrito que se encontra, precisamente, numa fase de acentuada prosperidade em que todos se acham entusiasticamente empenhados.

Pode dizer-se que, de há curtos anos a esta data, Sá da Bandeira se transformou, com os seus imóveis imponentes, seus bairros números e alegres; a quietação contemplativa e feliz do Parque da Senhora do Monte, viçoso, sobranceiro à cidade; o ar garrido da urbe, asseado, acolhedor, repousante!

Parece, pois, chegada a oportunidade de os responsáveis desta encararem a hipótese de erigir um momento que lembre à posteridade a epopeia dos seus pioneiros.

E agora elevemos nossos corações às alturas onde pairam as almas dos velhos pioneiros – às alturas de Deus! Ferverosamente e com humildade eu foi apanágio dos seus espíritos singelos, concentrarmo-nos na medição profunda das lições do civismo e patriotismo que nos deixaram. Das suas vidas extraímos a digna mensagem que enceraram e prostremo-nos respeitosamente perante a memória de quantos portugueses contribuíram, aqui, na Huíla para o engrandecimento da nossa Pátria.

Minhas Senhoras, Meus Senhores:

Esta romagem reveste-se, este ano, e pela primeira vez, de uma particular nota sentimental.

Falecido em Maio do ano passado, foi, aqui sepultado, como era seu manifesto desejo e de toda injustiça, a Dr. Leandro Gomes de Mendonça, que com o decorrer os anos, - (quase 30) – se tornou figura característica desta cidade, pelo muito que se lhe afeioou e pelo muito que lhe deu do seu esforço moral, intelectual e físico.

Como professor do Liceu «Diogo Cão» e, mais tarde, como seu Reitor, como que o seu perfil inesquecível e a sua alma de madeirense, perfumada dos odores românticos das tradições e praxe coimbrãs, emprestou, ao ambiente académico da Huíla, algo de «sui generis» que melhor se sentia ainda, e mais se destacava, nas reuniões onde se estabelecesse convívio de sabor académico. A sua personalidade abria-se e tornava-se de uma cor e de uma juventude tais, que, entre estudantes, o faziam confundir com qualquer deles.

Professor que foi de milhares de rapazes e raparigas, que pelo nosso liceu passaram dele, todos guardam alguma coisa que lhes recorda, com a saudade, com simpatia e até com laivos de bom humor, o «velho mestre» de físico-químicas. Assim se entranhou e se projectou, no espírito da mocidade escolar, como uma figura que ficará, eternamente, na história e na lenda das tradições e praxes académicos da Huíla, de que foi grande orientador e impulsionador, sobretudo nos seus últimos anos de Reitor.

Porém, noutro aspecto, se revelou bem a pujança e o vigor do seu espírito empreendedor e generoso, quando, de alma e coração de devotou ao estado da acção e da influência madeirense exercidas e, sobretudo, pouco divulgados.

Como fruto dos seus primeiros ímpectos, surgiu neste local que ele, amorosamente, reconstituiu com ajuda da memória de alguns sobreviventes, principalmente d Martins Alves – o velho Camuila – também aqui sepultado, e cujos filhos têm ainda a sua residência aqui ao lado.

~depois foi uma incessante tarefa divulgadora, do que ia concluindo as suas longas e cuidadosas investigações, em conferências públicas trabalhos publicados nos jornais e na rádio.

Para culminar este esforço de tantos anos, organizou dois cruzeiros, com os sobreviventes das primeiras «colónias», à Madeira e Lisboa, que obtiveram assinado êxito e constituíram, também, uma das melhores maneiras de lembrar ao País o que haviam feito e realizado.

Batalhador incansável poucos dias antes de falecer, projectava ainda a ideia de se realizar um filme que contasse a epopeia dos seus conterrâneos.

Foi ele quem, quando Presidente da Câmara, iniciou a tradição destas comemorações e quem também oficializou a data de «19 de Janeiro» e dela conseguiu que se fizesse o feriado municipal de Sá da Bandeira.

O Dr. Leandro de Mendonça foi, indubitavelmente, um dos grandes e devotados Amigos da Huíla. Por isso, não resisto à tentação de aproveitar esta oportunidade para sugerir que seja dado o seu nome a uma das artérias da cidade, como testemunho do preço e da gratidão que lhe são devidos.

Entretanto curvemo-nos ante o seu túmulo num gesto de respeito e saudade.

Senhor Presidente da Câmara:

Para finalizar, cumpre-me agradecer a V. Exa. O honroso convite que me dirigiu para, como descende dos velhos pioneiros desta nossa terra nata, partilhar e participar nas comemorações de mais um aniversário da cidade. Não lhe ofereci, com as singelas palavras que acabo de proferir, a solenidade que V. Exa. julgava que lhes empresaria. Fui eu, apenas, o beneficiado, por se meter deparado o ensejo de viver emoções que, há longos anos, desde que daqui saí, não tinha ensanchas de experimentar, neste lugar, que representa para mim, grata, sentimental e sagrada evocação da memória de meus avós.

Sá da Bandeira, 19 de Janeiro d 1969.

Reino de Maconge

DIARIO DE UMA PEREGRINAÇÃO A ANGOLA

Autor: D. Roberto da Silva

III Vice-Rei de Maconge

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Autor: D. Roberto da Silva

III Vice-Rei de Maconge

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" e na "SADC"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

**"Deixei em Angola um Maconge bem vivo, activo, coeso,
orgulhoso do passado e de olhos postos no futuro.
Retemperei a minha alma e renovei a minha fé no Reino e
nos meus propósitos, muitos por cumprir ainda."**

(D. Roberto da Silveira, III Vice-Rei de Maconge)

PRIME
BOOKS

ISBN 978-989-655-422-4



9 789896 554224